



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

SUSANA GOMES ALMEIDA

**“MÃE É QUEM DESEJA”:
UMA CONTRIBUIÇÃO PSICANALÍTICA SOBRE O EXERCÍCIO DA
MATERNIDADE NO CONTEXTO DA ADOÇÃO**

**Miracema do Tocantins, TO
2023**

Susana Gomes Almeida

“Mãe é quem deseja”:

uma contribuição psicanalítica sobre o exercício da maternidade no contexto da adoção

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Câmpus Universitário de Miracema para obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Orientador^a: Dr.^a Jamile Luz Morais Monteiro.

Miracema do Tocantins, TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- A447" Almeida, Susana Gomes.
"Mãe é quem deseja": uma contribuição psicanalítica sobre o exercício da
maternidade no contexto da adoção.. / Susana Gomes Almeida. – Miracema,
TO, 2023.
73 f.
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Miracema - Curso de Psicologia, 2023.
Orientadora : Jamile Luz Morais Monteiro
1. Maternidade / Parentalidade. 2. Psicanálise. 3. Adoção. 4. Desejo de
filiação. I. Título

CDD 150

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

SUSANA GOMES ALMEIDA

“MÃE É QUEM DESEJA”:
UMA CONTRIBUIÇÃO PSICANALÍTICA SOBRE O EXERCÍCIO DA MATERNIDADE
NO CONTEXTO DA ADOÇÃO

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins – UFT – Câmpus Universitário de Miracema, Curso de Psicologia foi avaliada para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banda Examinadora.

Data de Aprovação: 06/07/2023

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Jamile Luz Morais Monteiro, Orientadora, UFT.

Prof.^a Ms. Daniela Arêde Côelho, Examinadora, FSMC-PA.

Prof. Dr. Eloy San Carlo Máximo Sampaio, Examinador, UFT.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha experiência de graduação em um ambiente que se tornou casa e ocupará, sempre, um lugar especial para mim.

Agradeço às pessoas que estiveram comigo e contribuíram, direta e indiretamente, na realização desta pesquisa, fazendo-se presentes durante todo este percurso. Minha família, meus amigos e meu amor.

Agradeço também à minha orientadora, professora Jamile, que foi parceria fundamental para a realização desse trabalho, compreendendo os processos que passei tanto na escrita desta e quanto em minha vida pessoal, orientando-me com muito afeto durante todo o processo.

Agradeço aos meus professores da graduação pelo enorme aprendizado, pelo carinho e dedicação durante a formação. Estendo também os agradecimentos à banca pela produção conjunta de conhecimento e, por fim, à UFT.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo compreender a experiência do exercício da maternidade no contexto da adoção, a partir do referencial teórico da psicanálise, especialmente no ponto que toca na questão do desejo de filiação. Para tanto, este estudo fundamentou-se em uma pesquisa do tipo qualitativa, exploratória e de campo na qual foi realizada uma entrevista semiestruturada com uma participante mulher, adulta, maior de 21 anos e que exerce a maternidade por adoção. Os dados foram tratados através da análise de conteúdo proposta por Bardin e as categorias foram discutidas através do referencial teórico da psicanálise de Freud e Lacan, com apoio de comentadores. O exercício de pensar a maternidade a partir do desejo de filiação significa reconhecer as diversas formas que se apresentam como possibilidade para transformar esse projeto de filiação na experiência da maternidade. Nesse sentido, o reconhecimento da adoção como uma forma válida de exercer a maternidade implica levar em consideração uma outra perspectiva da maternidade experienciada pelas mulheres. É preciso reconhecer as múltiplas facetas que envolvem o desejo pela maternidade, principalmente quando não estão relacionadas à gestação de uma criança. A partir desse princípio, é preciso questionar o que leva mulheres e homens a pensarem em ter filhos e, posteriormente, o que sustenta mães e pais no processo de passagem à posição parental, ou parentalidade. Deste modo, refletir acerca da maternidade por adoção a partir do desejo de filiação implica validar o vínculo existente entre mãe e filho quando estes não estão ligados por consanguinidade, pensando a nomeação e a sustentação desse lugar por uma mulher e a diversidade de organizações familiares contemporâneas. Além disso, no que diz respeito à clínica psicanalítica, é necessário investigar a plasticidade do desejo pela maternidade e o sentido experienciado nesta perspectiva, procurando compreender os processos de filiação e de adoção de uma criança no imaginário da mulher e os recursos utilizados para a sustentação da função materna.

Palavras-chave: Maternidade. Parentalidade. Psicanálise. Adoção. Desejo de filiação.

ABSTRACT

This study aimed to understand the experience of motherhood in the context of adoption, based on the theoretical framework of psychoanalysis, especially regarding the desire of filiation. For this purpose, this study was based on qualitative, exploratory, and field research, in which a semi-structured interview was conducted with an over 21 years old adult female participant who exercises motherhood through adoption. The data were analyzed using Bardin's content analysis and the categories were discussed using the theoretical framework of Freud and Lacan's psychoanalysis, with the support of commentators. Reflecting on motherhood from the perspective of the desire of filiation means recognizing the various forms that present themselves as possibilities to transform this project of filiation into the experience of motherhood. In this sense, recognizing adoption as a valid form of exercising motherhood implies considering another perspective on motherhood experienced by women. It is necessary to recognize the multiple facets that involves the desire for motherhood, especially when they are not related to the gestation of a child. Based on this principle, it is necessary to question what leads women and men to think about having children and, subsequently, what sustains mothers and fathers in the process of transitioning to the parental position or parenthood. Thus, reflecting on adoption's motherhood from the perspective of the desire of filiation implies validating the bond between mother and child when they are not connected by blood, considering the naming and sustenance of this role by a woman, as well as the diversity of contemporary family arrangements. Furthermore, in terms of psychoanalytic clinical practice, it is necessary to investigate the plasticity of the desire for motherhood and the experienced meaning in this perspective, seeking to understand the process of filiation and the adoption of a child in a woman's imagination, as well as the resources used to sustain the maternal function.

Keywords: Motherhood. Parenthood. Psychoanalysis. Adoption. Desire of filiation.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	A adoção e o seu aspecto jurídico no território brasileiro.....	7
1.2	Construções sociais acerca da maternidade.....	9
1.3	Maternidade, parentalidade e adoção: a perspectiva psicanalítica.....	12
2	METODOLOGIA	21
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
3.1	Maternidade, adoção e desejo de filiação: no meu coração era “ser mãe”, né?.....	23
3.2	Parentalidade, sentidos e desafios: o mais importante de tudo é o amor.....	30
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	45
	APÊNDICES.....	49
	ANEXO	71

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho¹ teve como objetivo compreender a experiência do exercício da maternidade no contexto da adoção, a partir do referencial teórico da psicanálise, especialmente no ponto que toca na questão do desejo de filiação. O exercício de pensar a maternidade a partir do desejo de filiação significa reconhecer as diversas formas que se apresentam como possibilidade para transformar esse projeto de filiação na experiência da maternidade. Dessa forma, a maternidade pode ser concretizada por via de uma gravidez, como em grande parte dos casos, a partir do relacionamento com algum parceiro ou parceira que possui filhos e através da adoção. A adoção, então, é um recurso utilizado por pessoas que desejam ter filhos, como casal ou de forma solo, tornando possível a maternidade considerando suas diversas configurações.

1.1 A adoção e o seu aspecto jurídico no território brasileiro

A adoção está presente na história do Brasil desde o período da colonização, na qual era bastante relacionada à cultura cristã da caridade, quando famílias financeiramente abastadas “criavam” crianças mais pobres com a intenção de receber sua mão-de-obra gratuita, como aponta Maux e Dutra (2010). As primeiras leis brasileiras que procuravam tratar sobre a adoção são resgatadas da época em que o Brasil ainda era um Império, mas somente no século XX, a adoção foi sendo lentamente regulamentada. Os registros desses períodos indicam que as leis que existiam eram uma tentativa de lidar com a quantidade de crianças desassistidas por suas famílias, abandonadas nos hospitais e conventos e alguns casais que não possuíam descendentes (JORGE, 1975; MAUX; DUTRA, 2010).

Dessa forma, como o Governo não possuía propostas, ou interesse, de lidar com essa problemática, algumas famílias abastadas foram acolhendo as crianças abandonadas e criando-as, mesmo que estas ou eram registradas como filhos biológicos desrespeitando sua origem ou não possuíam direito de filiação legítima, especialmente após o falecimento de seus pais (JORGE, 1975). É importante perceber que, nesse momento, o interesse com essas medidas não era o desenvolvimento psicossocial e afetivo das crianças e adolescentes que viviam nos abrigos

¹ Este projeto nasce da pesquisa intitulada “Desejo de filiação e a maternidade no contexto da adoção”, do Grupo de Estudos e Pesquisa em Saúde Mental (GEPSAM), na linha de pesquisa “Saúde Mental e Psicanálise”, do qual atuo como integrante, realizando iniciação científica, sendo orientada pela professora Dra. Jamile Luz Morais Monteiro.

longe de suas famílias de origem e das possíveis famílias substitutas, e sim o de proporcionar uma criança a casais que não podiam ter filhos. Mesmo que o melhor interesse da criança não fosse primeiramente considerado, essas crianças eram, de certa forma, uma questão a ser resolvida (JORGE, 1975; BRAUNER; ALDROVANDI, 2010).

Durante o século XX, com a elaboração das constituições federais e dos códigos civis, algumas leis foram sendo criadas a fim de regularizar a prática e de definir quem poderia adotar e como funcionaria essa forma de ‘contrato’. A adoção foi se estabelecendo primeiramente como uma possibilidade para casais, a partir de determinada idade, com ausência de filhos biológicos, depois para casais e pessoas solteiras, com ou sem filhos biológicos, mas determinando certa diferença entre eles, com diferentes formatos de adoção a depender da criança a ser adotada, entre outras particularidades, buscando suprir os interesses dos adotantes e a partir do viés da caridade (JORGE, 1975). Além disso, nesse momento, havia uma clara separação entre os filhos biológicos e adotivos, o reconhecimento, a importância e os direitos adquiridos pelas crianças que se materializaram também na elaboração da adoção só foram se concretizar com o surgimento da Constituição Federal de 1988 e com a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

A reformulação constitucional estabeleceu um paradigma importante no reconhecimento da criança e do adolescente como sujeitos de direito, ações que permitiram compreender e proteger essa etapa do desenvolvimento, estabelecendo a doutrina da proteção integral e o princípio do melhor interesse da criança, modificando, também, o intuito da adoção (BRAUNER; ALDROVANDI, 2010). Assim, a Constituição também encerrou legalmente a discriminação entre os filhos, como determina no artigo 227, “§ 6º: Os filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção, terão os mesmos direitos e qualificações, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação.” (BRASIL, 1988).

A partir do ECA, a adoção passa a ter o objetivo de garantir à criança e ao adolescente o direito de possuir uma família, de pertencer a um grupo no qual irá receber afeto e construir vínculos e não a intenção que possuía anos atrás, de resolver o problema de casais sem filhos ou de ser associada à caridade (MAUX; DUTRA, 2010). Deste modo, a adoção adquire caráter único e irrevogável de filiação modificando o estado de filiação da família biológica para a adotiva, estabelecendo o vínculo de mãe/pai e filho(s) entre adotante e adotado(a), uma vez que a criança ou adolescente é incluída nessa família sob o direito de filiação legítima com vínculo afetivo protegido judicialmente (BRAUNER; ALDROVANDI, 2010).

Para além disso, a adoção é atravessada por alguns estigmas carregados de fantasias e de desinformação acerca dos ‘problemas’ apresentados pelos filhos adotivos e da qualidade do vínculo estabelecido. A partir do que aponta Maux e Dutra (2010), essas fantasias se relacionam com o receio que a sociedade projeta nessas crianças em relação à sua família de origem, carregada de mistério e de desconfiança, e na insegurança do vínculo afetivo estabelecido em comparação com o inapagável vínculo biológico. A compreensão de família apenas pela consanguinidade despreza a valorização do vínculo familiar afetivo, visto que as relações familiares são construídas socialmente e moldadas de acordo com o contexto social e a plasticidade da vida cotidiana. A adoção se dispõe como forma presente e legítima para constituição familiar e possibilidade do exercício da maternidade.

1.2 Construções sociais acerca da maternidade

A existência de um paradigma “natural” nas relações de filiação, cuja determinação seria de crianças e adolescentes serem criados pelos pais que os geraram, impossibilitando o reconhecimento e validação de outros arranjos familiares, muito se assemelha ao mito da naturalidade do amor materno existente nas mulheres. No que diz respeito à maternidade, é preciso discorrer, brevemente, sobre as construções sociais que pairam sobre ela. A partir da construção social da maternidade é possível perceber como as mulheres da antiguidade encaravam o cuidado com seus filhos e como foi surgindo esse ideal de mulher maternal, pura e doméstica, que abdica de sua vida social pelo cuidado dos filhos. Dentre elas, destaca-se o que a filósofa Elisabeth Batinder (1985), refere em relação ao mito do amor materno.

Para Badinter (1985), o amor materno foi sendo construído como uma implicação política de procriação e de cuidado com a prole, a fim de garantir a sobrevivência e diminuir a problemática muito acentuada da época, a mortalidade infantil. Por muito tempo, as mulheres, principalmente as nobres e mais ricas, não performavam a maternidade. Elas pariam seus filhos, mas logo após o nascimento eles eram mandados para o cuidado das amas de leite e por lá permaneciam, se sobrevivessem, até completar a primeira infância.

As mulheres, nesse momento, se ocupavam de sua vida social e política, estudando, discutindo, indo a festas e utilizando de seu tempo para seu próprio desejo. Não existia qualquer relação de cuidado daquelas mulheres e homens com suas crias, primeiramente, porque tinham muitos filhos e o único que realmente lhes despertava interesse era o primogênito, além da alta taxa de mortalidade infantil, momento no qual a frieza dos pais em relação aos filhos lhes servia

inconscientemente de proteção contra os riscos de perdê-los, visto que “valia mais a pena não se apegar para não sofrer depois” (BADINTER, 1985, p. 85).

A mortalidade infantil decorria de vários motivos. Entre eles, destacam-se as questões que envolvem a fome, as doenças, o frio e a falta de recursos, já que a maior parte dos bebês cresciam com as amas de leite, responsáveis por várias crianças e que, muitas vezes, também se encarregavam de trabalhar na lavoura a fim de colaborar financeiramente com o marido. Outro motivo era o fato de não existir ainda as discussões e conhecimentos acerca da necessidade do bebê de receber cuidados, com afeto e vínculo, nos primeiros anos de vida (BADINTER, 1985).

A relação de cuidado e de dedicação para um bebê representa para ele a possibilidade de sobrevivência, uma vez que haverá uma pessoa, ou mais de uma, interessada no seu cuidado e desenvolvimento. Para além da relação transferencial de filiação desenvolvida, uma relação de cuidado material é extremamente importante para que ele supere as crises, doenças e etapas de seu desenvolvimento biológico (BADINTER, 1985; MONDARDO; VALENTINA, 1998). Nesse sentido, a família apresenta duas funções necessárias para o desenvolvimento infantil: a primeira na intenção de suprir as necessidades básicas em relação à alimentação, calor, abrigo e proteção e a segunda na intenção de proporcionar um ambiente para que o bebê possa desenvolver suas capacidades físicas, mentais e sociais (MONDARDO; VALENTINA, 1998).

Dessa forma, pensando em contornar a extrema taxa de mortalidade infantil, uma vez que o Estado precisava de mais trabalhadores e soldados para garantir a conservação do estado, foi idealizado o sequestro das mulheres para a maternidade. Os governos de Estado passaram a enxergar nas crianças uma possibilidade de mão de obra, uma vez que a população foi considerada uma das riquezas da nação, assim como as terras, cenário modificado pela nova configuração econômica principalmente com o advento do capitalismo, no qual os países foram assolados com uma intensa crise econômica, tomados por epidemias e mortalidade infantil, reduzindo grande parte da população (BADINTER, 1985; CAFFÉ, 2020).

O debruçar das mulheres para essa “obrigação” não foi bem aceito e não aconteceu de forma rápida. As mulheres que faziam parte da burguesia ascendente da época foram as primeiras a ocuparem esse lugar. Elas contavam com recurso financeiro do marido e não precisavam trabalhar, queriam se diferenciar das mulheres das camadas mais pobres da população e do que elas realizavam. Ao mesmo tempo, não conseguiam se inserir na nobreza, necessitando, então, de um lugar social para si, sendo “as primeiras a considerar a criança como

seu encargo pessoal, aquele que dava um sentido à sua vida de mulher” (BADINTER, 1985, p. 216).

A ideologia, a política, a filosofia, a medicina e outras áreas do conhecimento começaram a teorizar os novos discursos de valor sobre a mulher, sobre o que a mulher poderia ser e representar socialmente, utilizando-se de argumentos diversos, no contexto da saúde, da beleza, da felicidade e da glória. Nesse momento, as novas concepções não surgiram a partir da aristocracia, mas da nova classe ascendente, construindo os ideais que moldaram as relações a partir de então, a construção da família moderna e as discussões sobre o amor romântico idealizado (BADINTER, 1985).

A partir dos preceitos da modernidade, vão sendo construídas a ideia de infância e nova imagem da mãe, pessoalmente encarregada do cuidado, aleitamento e desenvolvimento dos filhos (CAFFÉ, 2020). Segundo Badinter (1985), e Caffé (2020), a crença da vocação feminina para a maternidade apoiada na ideia de amor natural e espontâneo vai sendo estabelecida e, conseqüentemente, os moldes sobre as possibilidades de existência da mulher, as funções que deveriam ocupar já estavam se definindo:

A mulher não é mais identificada à serpente do Gênesis, ou a uma criatura astuta e diabólica que é preciso pôr na linha. Ela se transforma numa pessoa doce e sensata, de quem se espera comedimento e indulgência. Eva cede lugar, docemente, a Maria. A curiosa, a ambiciosa, a audaciosa metamorfoseia-se numa criatura modesta e ponderada, cujas ambições não ultrapassam os limites do lar (BADINTER, 1985, p. 176).

O amor materno, para Badinter (1985), foi uma construção social e uma imposição política sobre as mulheres, na qual algumas aderiram com facilidade, a maior parte comprou o discurso com tempo e outras recusaram. Para além de um sentido inato e de um instinto biológico sobre a gravidez, a concepção do amor materno foi também a peça-chave para a formação do novo desenho de família, a família nuclear, burguesa e moderna, composta por pais e filhos reclusos em seu convívio, alicerçada principalmente na vocação feminina para a maternidade associada ao trabalho doméstico não remunerado (CAFFÉ, 2020). O amor materno é um amor social, não natural, apesar de ainda representar o amor. Assim, para Carvalho e Oliveira (2017), a apropriação do corpo da mulher e de sua subjetivação pela cultura patriarcal é responsável pela execução da maternidade pelas mulheres.

Mesmo com a mudança de alguns ideais acerca da maternidade com o passar do tempo, os discursos que enaltecem o amor incondicional da mulher por seus filhos são resquícios do que Badinter (1985), veio a chamar de “mito do amor materno”. Ditos populares como “toda

mãe é igual, só muda o endereço”, “nada é igual ao amor de mãe” ou “toda mulher nasceu pra ser mãe” contribuem para a idealização do significado da maternidade, tanto no que diz respeito ao seu sentido atribuído quanto à naturalização desta experiência. Com Badinter (1985), entendemos que a maternidade não é um destino natural da mulher. A psicanálise, por sua vez, assemelha-se a esse paradigma, uma vez que compreende a maternidade a partir de sua dimensão subjetiva. Para a psicanálise, ser mãe não está relacionado com o sexo ou o gênero, mas sim com o desejo de filiação.

1.3 Maternidade, parentalidade e adoção: a perspectiva psicanalítica

A psicanálise, dessa forma, não compreende a maternidade como um destino certo e natural para a mulher, mas como uma construção, um processo de constituição subjetiva, sendo esta atravessada pelo discurso social. Se anteriormente, no século XVIII, as relações familiares eram formadas em vista do patrimônio familiar, financeiro e hereditário, privado de escolhas individuais e de relações fraternais, a família moderna, fruto da revolução industrial e ascensão da burguesia, sob olhar romântico, passa a ser concebida como uma aliança, oriunda do amor do casal que criam seus filhos na intenção de amá-los, educá-los e formá-los (ZORNIG, 2010).

Esta constituição familiar, a que chamamos de família moderna ou família nuclear, construiu-se a partir desse conjunto de transformações sociais centrado na instituição familiar e na figura dos pais e dos filhos (COELHO, 2010). A psicanálise, tributária do discurso de sua época, não ficou fora do debate sobre as relações familiares na era moderna. Sobre a constituição familiar, Freud (1909/2015) em “O Romance Familiar dos Neuróticos”, discorre como a constituição do sujeito na sociedade depende, dentre outras coisas, da identificação e, posteriormente, da desidentificação da criança com seus pais, movimento que diferencia as gerações e permite certo progresso social. Dessa forma, é a partir da vida familiar e da relação triangular entre mãe, pai e bebê que esse pequeno e frágil corpo passa a ser um sujeito de desejo, através do desejo de seus pais que o inserem no mundo da linguagem.

Assim, Freud (1909/2015) apresenta sobre como a família, para além dos cuidados fisiológicos com o bebê, o desenvolve enquanto sujeito. É pela família que o sujeito aprende a amar e odiar, também construindo sua forma de se relacionar com as pessoas, seus futuros parceiros amorosos e com o mundo. O bebê, pelo contato primordial com suas figuras de cuidado e autoridade, vai se identificando e se constituindo a partir dos pais, almejando se tornar como um deles em algum momento. Ao decorrer do desenvolvimento do complexo de Édipo, a

criança elabora fantasias sobre si e seu nascimento na tentativa de lidar com a frustração da castração e do reconhecimento de seus pais como pessoas “normais” e imperfeitas, abrindo-se, então, para a identificação com outras figuras, a partir de seu desenvolvimento intelectual e do contato com o mundo e outras pessoas que fazem parte de sua vida.

Ou seja, a família inaugura a formação do narcisismo infantil a partir da figura dos pais, também a partir dos mesmos, no movimento de rebeldia, a criança se identifica com outras figuras, colocando em xeque os ideais que estabeleceu durante o complexo de Édipo. O artigo de Freud “Introdução ao Narcisismo” (1914/2010), é fundamental para compreender o processo de constituição subjetiva, na qual as relações parentais assumem um papel estruturante na formação do Eu. Não é possível, portanto, falar de maternidade sem falar de parentalidade, pois o desejo da mãe, enquanto um desejo de filiação, está articulado à figura parental, seja associada ao seu parceiro/parceira, que ocupe o lugar do terceiro para a criança, seja em relação às vivências que teve na sua infância com aqueles(as) que ocuparam o lugar parental (mãe e pai, metaforicamente, a função materna e paterna).

O escrito sobre o narcisismo se trata de um escrito basilar na obra freudiana, pois retrata como a formação do Eu no infante é resultado de uma relação narcísica, portanto, para a emergência da instância do Eu enquanto uma Unidade, faz-se necessário que os pais ou quem ocupa esses lugares, invista afetivamente nessa criança, ou seja, é preciso que os pais desejem essa criança que está colocada como filho(a) no núcleo familiar. Dessa forma, é com Freud (1914), a partir do que afirma Araújo (2010), que o narcisismo passa a ser compreendido como um estágio no desenvolvimento subjetivo humano, elemento essencial relacionado à autopreservação e formação dos laços sociais, também fundamental para entender a constituição do amor-próprio na criança.

Para Freud (1914), continua Araújo (2010), a primeira fase da infância anterior à formação do Eu é diferenciada pela ausência das relações objetais, momento em que todo o investimento libidinal é feito no corpo do bebê, estado de satisfação em si mesmo denominado de narcisismo primário. Este momento é mantido pelo investimento dos pais no bebê, que lhe atribuem as maiores perfeições e os melhores cuidados, no qual Freud (1914/2010, p. 25) aponta como um momento de “revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado”. É por esse motivo que o processo de adoção acontece em qualquer tipo de filiação, ou seja, a adoção é simbólica, os pais precisam adotar a criança, desejando ocupar o lugar de mãe ou pai, colocando esse bebê ou essa criança no lugar do seu amor, do seu desejo.

É preciso, para que aconteça a filiação, que esse infante seja colocado no lugar do desejo de seus pais, capturando-os pelo amor.

A maternidade, dessa forma, pode ser caracterizada pela falta. À criança, é atribuída todas as perfeições, ela deve receber todas as melhores coisas, tudo aquilo que seus pais tiveram e não tiveram, ela é posicionada no centro da criação, ao que Freud chama “sua majestade, o Bebê”. Aos filhos é esperado que concretize os sonhos que os pais não realizaram, com as condições que eles não tiveram e que hoje eles proporcionam a ele. Para Freud (1914/2010), o amor dos pais, efetuado de forma comovente e, primeiramente, tão infantil, nada mais é do que o seu narcisismo renascido transformado em amor objetal. Neste processo de identificação imaginária, o bebê é centro da identificação narcísica dos pais, receptor do seu afeto e desejo e se vê nesse lugar de completude por algum instante. Inaugura-se, nesse momento, o eu ideal do bebê, quando ele nada precisa fazer para ser amado por seus pais, crucial para a organização psíquica dessa criança.

Esse instante em que o bebê se entende na completude com a mãe, ou com seu cuidador principal, é finito. A presença de um terceiro, de uma outra figura que coloca limite nessa relação ou também as obrigações cotidianas que afastam a mãe do bebê vão apresentando a frustração a ele. A criança vai sendo exposta, desde o início, às exigências do ambiente e vai percebendo que não completa sua mãe (ARAÚJO, 2010), e se a mãe deseja outras coisas além da criança, esta é faltante, não consegue mais ocupar o lugar do Eu ideal. Assim, Freud (1914/2010), diz que não abdicando da perfeição narcísica de sua infância também não podendo continuar com ela, ele procura recuperá-la na nova forma do ideal do Eu, projetando-o para si como seu ideal e substituindo o narcisismo que perdeu da infância.

A esse ideal do Eu instaurado nesse momento, é direcionado o amor a si mesmo, resultando no aumento das exigências do Eu, fomentando a repressão (Freud 1914/2010). Neste momento, Freud ensaia a teoria de uma instância psíquica que tivesse como objetivo assegurar a satisfação narcísica do ideal do Eu a partir da constante observação moral e rígida do Eu, verificando-o a partir do ideal de Eu, o que depois nomeia em seus escritos de Supereu. Sobre isso, Freud (1914/2010), afirma que o estímulo para se formar o ideal de Eu, abrigado na consciência moral, parte da influência crítica que os pais tiveram durante a vida da criança, em conjunto com os educadores, instrutores e, de forma geral, a todas as demais pessoas do convívio.

Assim, os traços do narcisismo irão organizar a personalidade da criança, acompanhando-a por toda a vida, pois foi a partir do olhar de desejo da mãe que a criança pode

se reconhecer amada e isso a impacta em suas escolhas objetais e na construção de seu amor por si mesma (ARAÚJO, 2010). Além disso, Xerfan (2016), apresenta como Freud (1921), em seu texto “Psicologia das massas e análise do eu” elabora a importância da identificação como forma mais primitiva do laço de amor e relacionamento humano, fazendo-se importante na medida em que essas identificações compõem a história de suas escolhas de objeto e dos investimentos amorosos que fez. Para a autora, é fundamental compreender a adoção por via da identificação visto que esta é essencial para o processo de filiação e para a construção do Eu da criança, que fará parte da transmissão geracional dessa família.

Carmo-Huerta (2013, apud ROSA, 2021), enfatiza que é através da transmissão da cultura que o novo sujeito passa a ter um lugar na narrativa ficcional de seus pais e no tecido social e afetivo das relações que vão sendo construídas. É a partir da ideia de transmissão da história familiar, dos valores cultivados pela família e dos significantes de filiação que podemos investigar a importância do desejo e da constituição subjetiva na concepção da família e, por assim dizer, da maternidade (ROSA, 2021). Por esta razão, inferimos que o processo da maternidade não é instintivo e natural, mas atravessado pela dimensão da construção, do tornar-se.

A partir desse princípio, é preciso questionar o que leva mulheres e homens a pensarem em ter filhos e, posteriormente, o que sustenta mães e pais no processo de passagem à posição parental, ou parentalidade. De acordo com Zornig (2010), muito mais do que um modelo nuclear e tradicional de construção familiar, esse processo é marcado pela lógica do desejo e pela história psíquica e individual de cada um deles.

Para a referida autora, a “pré-história” da criança, ou seja, o tecido do relato que envolve a história de como essa criança foi sendo constituída no imaginário de seus pais inicia na história individual deles, uma vez que esse processo é marcado pela reatualização das fantasias de suas infâncias e como pensam inconscientemente o cuidado parental que receberam e que quiseram receber. Portanto, não é possível pensar na construção da parentalidade somente a partir da gestação e do nascimento do bebê, mas através das identificações que determinaram a forma como é possível exercer a parentalidade (ZORNIG, 2010).

Apesar de bastante conceituada anteriormente, a dinâmica da criação dos filhos vem sendo bastante estudada pela psicanálise à medida em que vão sendo criados e experienciados novos saberes e discussões sobre isso. A partir do que afirma Garrafa (2021), a psicanálise vem se debruçando bastante sobre o impacto psíquico experienciado nos pais na entrada do que agora se chama parentalidade, atendo-se às questões que a estruturam e as noções teóricas que

delimitam. Sobre isso, a autora comenta sobre como a noção de função materna separou-se da figura da mãe a partir de Lacan, no momento em que este discorreu sobre os elementos universais da estruturação subjetiva presente em quem exerce essa função, levando em consideração as diferentes culturas e arranjos familiares nos quais podem ou não apresentar a figura da mãe, mas que apresentam, certamente, a expressão dessa função simbólica de cuidado.

Discutir sobre a função materna é imprescindível para se desvincular a ideia de instinto materno como inerente a todas as mulheres e principalmente as que se tornam mães, visando compreender que a maternidade e a função materna são advindas do processo do tornar-se, do “vir a ser”, além de reconhecer as outras experiências com a maternidade e a dimensão de filiação que operam no exercício dessa função, como a maternidade por adoção e outros arranjos familiares formados por dois homens ou duas mulheres.

É preciso compreender a dinâmica da entrada na parentalidade a partir do desejo de ser mãe e do desejo de ser pai, na medida em que é importante compreender também as outras figuras que fazem parte do cuidado e da dimensão parental. A partir do que afirma Garrafa (2021), a função materna existe relacionada à função paterna, também desvinculada da figura do pai, uma vez que essa função chamada paterna marca a impossibilidade de tudo ser compreendido pela linguagem, constituindo a incompletude e a dimensão do desejo.

A função materna, para a psicanálise, é a função exercida pela pessoa que primariamente se responsabiliza pelos cuidados com o bebê, de forma especial quando este ainda é recém-nascido. Através dessa dimensão do cuidado fisiológico, da atenção às suas necessidades é que vai se instaurando a dimensão simbólica, na qual a mãe consegue nomear suas experiências, inserindo o bebê no mundo do simbólico dos significantes, enxergando-o como um sujeito de desejo ao supor suas demandas e nomeando suas experiências. De acordo com Garrafa (2021), Lacan desenvolve a função materna para indicar a pessoa, predominantemente performada por mulheres, que possui uma relação privilegiada com o bebê a partir do que chama de desejo não anônimo, encarregando-se de sua entrada nas relações humanas a partir da nomeação desse lugar singular.

Assim, Faria (2020), afirma que para a psicanálise, a nomeação de função materna e função paterna diz respeito aos efeitos psíquicos resultantes da estrutura familiar a que toda criança pertence, não importando a composição familiar. Isso acontece porque esses efeitos simbólicos estão relacionados ao fato de que o bebê é um ser que depende totalmente de cuidados ao nascer e esses cuidados não apenas suprem suas necessidades básicas, mas também nomeiam e dão sentido às suas experiências, neste caso, não importando necessariamente de

quem os realiza, mas pela natureza simbólica e não instintiva do cuidado, permeada pela linguagem.

A relação de cuidado existente nos primeiros momentos do bebê e, mais importante, a particularidade do interesse que a mãe tem sobre o filho no seu cuidado é o que faz com que esse vínculo seja estruturante, à medida em que a criança cuidada recebe um lugar específico e particular na economia do desejo dessa mãe, ou seja, o vínculo de cuidados aparentemente comum entre mãe e filho é estruturante ao bebê porque é único e exclusivo, representando que esse filho é marcado pelo desejo da mãe que assim consegue supor nele suas demandas e vontades e, além disso, supor-se capaz de interpretá-las (FARIA, 2001 apud KAMERS; BARATTO, 2004).

Nesse sentido, Faria (2020), afirma que a capacidade materna de interpretar as demandas do bebê vai muito além da compreensão de suas necessidades, ela nomeia as sensações do bebê, demarcando sua apreensão sob a realidade, dessa forma, a mãe não é apenas a pessoa que cuida, ela é o que Lacan chama de o grande Outro materno, maiúsculo, do qual a criança toma suas palavras – significantes – servindo de suporte ao lugar do Outro para a criança construir o sentido da realidade.

Nessa perspectiva, a função paterna também não diz respeito à personificação da figura do pai, mas à função que possibilita que a mãe, como função materna, consiga colocar o bebê no lugar do objeto privilegiado de desejo, dando-o as condições de usar seu corpo e seu aparelho de linguagem mas também consiga reconhecer o bebê como alteridade, marcando a impossibilidade da linguagem representar tudo, barrando o desejo da mãe e assinalando a incompletude e, portanto, a possibilidade do desejo de um sujeito não decifrado por completo (GARRAFA, 2021). A função paterna é aquela que ocupando uma posição no desejo da mãe, marca a possibilidade desse mesmo desejo ficar aberto para além da criança, de forma a impedir que a criança seja devorada por ele, e a lance a deslocar-se de sua posição fálica inicial (FARIA, 2021).

Assim sendo, Faria (2021), apresenta que essa função não opera a partir dos adjetivos relacionados à pessoa que a personifica, mas diz respeito à hiância aberta da relação da criança com a mãe pelo desejo materno, isto é, o pai não funda a interdição do desejo da mãe, mas atua como seu representante. Dessa forma, ela corresponde a importância dada à palavra que a mãe faz do pai, do lugar que o pai ocupa no discurso do desejo materno, pois é ela quem funda o pai como mediador daquilo que está para além dela. Dito isto, o pai se encontra “em uma posição metafórica, na medida e unicamente na medida em que a mãe faz dele aquele que sanciona, por

sua presença, a existência como tal do lugar da lei” (FARIA, 2021, p. 178). Apesar de a função paterna existir a partir do desejo da mãe, a pessoa que personifica o pai com suas respectivas características e adjetivos dará um contorno imaginário aos elementos necessários para marcar a presença potencial do pai para a criança, como a mesma autora complementa:

Afinal, o que orienta sua função não é o personagem que a encarna, mas o desejo que lhe dá um lugar. Um desejo que não pode ser adjetivado, a priori, em nenhuma hipótese. Entretanto, na medida em que essa função simbólica recai sobre aquele que ocupa concretamente o lugar de pai, reordenando e ressignificando a presença potencial do pai, dando-lhe contornos imaginários com os quais a criança irá construir sua versão paterna, não se pode negar que sua posição no ternário edípiano seja da maior importância (FARIA, 2021, p. 182).

Nessa perspectiva, a entrada na parentalidade decorre do ato da mulher ou do homem assumir o lugar de mãe ou de pai para uma criança, movimento este que pressupõe o princípio da adoção, pois é a partir do desejo de filiação de seus pais que a criança conseguirá pertencer aos seus campos simbólicos, valendo-se para crianças biológicas e adotivas. A psicanálise considera que esse “assumir o lugar” relaciona-se “à possibilidade de se nomear ‘mãe’ ou ‘pai’ de alguém e de sustentar esses significantes e os desdobramentos decorrentes de tal nomeação” (GARRAFA, 2021, p. 58).

Muito além de um amor materno que é natural e idealizado, conforme Garrafa (2021), é imprescindível pensar o tornar-se mãe a partir do desejo de assumir essa posição parental e as decorrências que ela representa. Essa tomada de posição demanda modificações no que se refere a uma nova organização familiar, a uma posição social diferente e que atravessa, principalmente, aquele que ela admite como filho, ou seja “trata-se de uma sustentação significativa para o inominável do ser que comparece a partir de uma posição em relação à criança, posição esta fabricada no ato de entrada na parentalidade” (GARRAFA, 2021, p. 60).

Assim, toda a dimensão do tornar-se na parentalidade implica a adoção de seu filho, porque é a partir desse processo de adoção, simbólico, é que os pais conseguirão fazer daquela criança um filho. Essa mudança de perspectiva fará com que o adulto que cuida do bebê consiga interpretar seu corpo, nomear seus sentimentos e dar sentido às inquietações, além de situá-lo como significante de seu desejo, fazendo com que esteja no lugar simbólico de falo, representante da falta. O processo simbólico de adoção da criança acontece em toda a dimensão da parentalidade, sendo o filho biológico ou adotivo, posto que é esse contexto que resulta na nomeação de pais e de filho e localiza o bebê no lugar de desejo de ambos os pais (GARRAFA, 2021).

Em toda parentalidade está em jogo a adoção da criança pelos pais mesmo quando o pai e a mãe são biológicos. Nem a fecundação durante o coito nem o parto são garantias de parentalidade. É necessário um processo complexo de adoção simbólica para que aquela mulher assuma a maternidade em sua singularidade e faça da criança que gestou e pariu um filho seu, ou seja, o situe no lugar simbólico de falo, como significante do desejo, e assim o invista como objeto de gozo e amor (QUINET, 2020, p. 80).

Na mesma direção, Dunker (2021, p. 53) define parentalidade “como sistema de transmissão, herança, e reconhecimento de uma criança como pertencente a uma família e, conseqüentemente, ao sistema das famílias, sejam elas homoparentais, heteroparentais, tentaculares, monoparentais e assim por diante”. Dessarte, a maternidade, fazendo parte do escopo da parentalidade, coloca-se como um aspecto fundamental para a compreensão do desejo de filiação, o desejo de tomar um filho como seu. Isto posto, surge o seguinte problema de pesquisa: quais os sentidos da experiência da maternidade no contexto da adoção?

Para responder ao referido problema, esta pesquisa teve como objetivo geral investigar os sentidos da experiência e do desejo do “tornar-se mãe” na maternidade por adoção e como objetivos específicos: a) compreender o desejo de filiação em mães por adoção; b) verificar como o desejo de filiação se colocou na trajetória do tornar-se mãe no cenário da adoção e c) contribuir para o campo da ciência psicológica e da clínica psicanalítica voltada para os casos de mulheres que decidem adotar uma criança.

Vale ressaltar que esta pesquisa encontra sua justificativa na necessidade de desconstrução de um certo ideal materno que passa por gestar um bebê. A dimensão da adoção no Brasil ainda é vista, muitas vezes, como uma maternidade de “segunda linha”, ou um ato de caridade e boa ação para uma criança (MAUX; DUTRA, 2009). Nesse sentido, o reconhecimento da adoção como uma forma válida de exercer a maternidade implica levar em consideração uma outra perspectiva da maternidade experienciada pelas mulheres. Devido ao mito social da maternidade gestacional como forma de completude do “ser mulher”, muitas mulheres se sentem menores ou descredibilizadas quando decidem não se tornarem mães ou quando optam pela adoção. É preciso reconhecer as múltiplas facetas que envolvem o desejo pela maternidade, principalmente quando não estão relacionadas à gestação de uma criança.

Sob o mesmo ponto de vista, a adoção é cercada de diversos tabus que implicam diretamente na experiência subjetiva de mães e filhos adotivos, marcando suas vivências. Ao redor do filho adotivo existem muitos mitos e fantasias que fazem com que essa forma de experienciar a maternidade não tenha o reconhecimento e a validação necessários, sendo vista como uma possível fragilidade de vinculação parental. Além disso, existe o medo da relação da

criança com a família de origem, bem como as possíveis complicações ou doenças genéticas e outras questões que podem causar preocupação e sofrimento aos pais adotivos (MAUX; DUTRA, 2009), especialmente quando se trata do que chamam de adoção tardia, a adoção de crianças a partir dos 3 anos de idade (SAMPAIO; MAGALHÃES; MACHADO, 2020).

Deste modo, refletir acerca da maternidade por adoção a partir do desejo de filiação implica validar o vínculo existente entre mãe e filho quando estes não estão ligados por consanguinidade, pensando a nomeação e a sustentação desse lugar por uma mulher e a diversidade de organizações familiares contemporâneas (GARRAFA, 2021; DESSEN, 2010). Além disso, no que diz respeito à clínica psicanalítica, é necessário investigar a plasticidade do desejo pela maternidade e o sentido experienciado nesta perspectiva, procurando compreender os processos de filiação e de adoção de uma criança no imaginário da mulher e os recursos utilizados para a sustentação da função materna.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa fundamentou-se em uma pesquisa do tipo qualitativa, exploratória e de campo. A pesquisa qualitativa se caracteriza pela complexidade e pela possibilidade de apresentar um sentido da realidade e do contexto que se pretende estudar, a partir de um processo individual e dinâmico de investigação, uma vez que leva em consideração a realidade e a subjetividade do fenômeno estudado e a do pesquisador, e a forma como este procura compreender o objeto do estudo (PINTO, 2004). Assim sendo, a metodologia desta pesquisa tem a intenção de compreender os sentidos/significados acerca do exercício da maternidade por adoção por mulheres a partir de uma visão psicanalítica, investigando a questão do desejo de filiação. Já a pesquisa de cunho exploratório tem a intenção de promover certa proximidade e familiaridade com o tema para que assim seja possível o estabelecimento das hipóteses e, posteriormente, a análise dos dados considerando as várias perspectivas relativas ao tema (GIL, 2002).

Trabalhou-se com a pesquisa de campo, a qual, conforme Lakatos e Marconi (1996), consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes para analisá-los. Foi usado um roteiro de entrevista semiestruturada. Este tipo de entrevista é ideal para ser utilizada em investigação social e em estudos qualitativos, quando se pretende compreender o significado de um acontecimento ou de um fenômeno vivido pelos participantes. A participante da pesquisa foi escolhida de acordo com os critérios de inclusão, a saber: mulher adulta, a partir de 21 anos e que exerça a maternidade por adoção, independente do tempo em que desempenha essa função. A amostra foi composta por 1 (uma) participante, visto que uma pesquisa qualitativa e exploratória não necessita de um maior valor numérico que se enquadrem nos critérios acima descritos.

Além disso, a participação na pesquisa só aconteceu mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa da UFT com parecer consubstanciado de nº 5.694.430 e CAEE 60996722.4.0000.5519 (presente no Anexo I). A escolha do participante aconteceu por busca ativa, utilizando as redes sociais como *Instagram*, bem como divulgando a pesquisa por *e-mail* disponibilizando nossos contatos para quem assim quisesse participar da pesquisa, uma vez se enquadrando nos critérios de inclusão que também foram divulgados pelos referidos meios de comunicação.

A entrevista semiestruturada com a participante foi agendada por contato telefônico. Antes da realização das entrevistas, a participante foi convidada a ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, depois de seu consentimento e assinatura, foi iniciada a entrevista. A entrevista seguiu um roteiro pré-estabelecido de 6 perguntas, e levou aproximadamente 60 minutos. Foi realizada através de plataforma digital (*Google-Meet*). Os dados foram tratados a partir da Análise de Conteúdo de Bardin (2016), que segue as seguintes etapas: a) a pré-análise, que é a fase de organização dos conteúdos obtidos via a leitura flutuante dos relatos; b) a exploração do material, a qual visa aplicar e sistematizar as categorias de análise e, por fim c) tratamento dos resultados obtidos e interpretação: cuja intenção é tecer as elaborações específicas sobre as categorias encontradas. As categorias de análise foram discutidas através da teoria psicanalítica de Freud e Lacan, mas também a partir de seus comentadores e pensadores.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados foram apresentados em formato de quadro a partir das perguntas elencadas para a realização da entrevista (ler Apêndice A). Nos quadros contêm os enxertos da entrevista que apresentam resposta para as respectivas questões, dessa forma, nem toda a entrevista está presente nos quadros, apenas os trechos correspondentes (ver Apêndice B). Diante dos resultados apresentados e do tratamento dos dados supracitados presentes no Apêndice B, considerando a frequência das unidades de registro, elencou-se **duas categorias**, a saber: **1. Maternidade, adoção e desejo de filiação** e **2. Parentalidade, sentidos e desafios**. Para a análise e escrita das categorias, foram utilizados nomes fictícios a fim de proteger a identidade da participante e sua família. Tal como indicado na metodologia, as categorias abaixo foram discutidas fundamentadas no referencial teórico da psicanálise de Freud e Lacan, com apoio de comentadores.

3.1 Maternidade, adoção e desejo de filiação: no meu coração era “ser mãe”, né?

Apesar de amplamente discutida, de forma especial após a revolução vinda com o movimento feminista, a maternidade pode ser considerada a maior atribuição social à mulher, estabelecida de forma a ser considerada natural (MAUX; DUTRA, 2009). Assim como diversas autoras apresentam, incluindo Badinter (1985), há um ideal social acerca da realização feminina a partir da maternidade, vista como destino certo para todas as mulheres. Dessa forma, essa forma de socialização acontece desde a infância, com as brincadeiras infantis do cuidado com as bonecas e com a casa, até o questionamento para jovens casais sobre seus filhos. Levando isso em consideração, a maternidade também pode ser identificada a partir do desejo, de maneira que muitas mulheres consigam, atualmente, a oportunidade de refletir sobre isso, buscando encaixar essa decisão em seu projeto de vida ou mesmo recusá-la totalmente. Assim como apresenta Helena:

Bom, primeiro, ser mãe é um sonho de qualquer mulher, eu imagino, ou de um casal, seja hétero ou não, com vontade de ter uma família, constituir uma família [...]. Então, era um sonho tanto pra mim como pro meu esposo, de tudo, e nós ficamos sete anos tentando uma gravidez. Então, assim, no meu coração era “ser mãe”, né?

Neste caso, Helena comenta sobre seu sonho pela maternidade, pelo sonho de ser mãe e poder construir uma família juntamente de seu marido, Marcelo. A maternidade no sentido da capacidade de ser mãe, é bastante atrelada à possibilidade da gravidez. A gestação é a forma

mais pensada para a concretização do sonho da maternidade, opção considerada natural e lógica, a partir da combinação entre a mulher e o homem, caminho valorizado pela religião, na qual Helena e Marcelo fazem parte. Outras formas de realizar a maternidade, apesar de serem reconhecidas, comparecem no desejo como segundo plano, uma segunda oportunidade depois da tentativa biológica, sendo ela a partir da gravidez natural ou via reprodução assistida.

De acordo com Maux e Dutra (2009), a adoção, apesar de ser uma prática comum como possibilidade para realizar o projeto de ter filhos, muitas vezes surge de forma secundária, como uma alternativa para quem não consegue gerar seus filhos do modo tradicional. Helena conta que apesar de conhecer a adoção de perto, uma vez que tanto na sua família quanto na família de seu esposo existem casos de adoção, esta não foi uma opção para ela a princípio. Eles passaram 7 anos tentando ter filhos por meio da gestação, chegando a tentar a inseminação artificial, mas ainda sem sucesso. Nesse momento, Helena não sabia ainda qual o problema de saúde que enfrentava para que não conseguisse engravidar de forma biológica.

Sobre a perspectiva da adoção, ela conta que a ideia se apresentou a ela por meio de um livro. Quando estava na graduação de pedagogia, fez uma amostra de livros na qual conheceu a obra chamada “Em busca de mim”. Já adulta e casada, porém ainda sem filhos, ela conta que:

Eu dei de presente pra uma colega esse livro, mas eu não conhecia o conteúdo. E aí, passaram-se uns três dias, ela chegou com o livro e falou assim “esse livro é teu”. E eu falei “meu?” “É, esse livro não é pra mim, é pra você”. E aí, quando eu cheguei em casa, fui olhar aquele livro... fiquei super curiosa, uma leitura fácil... fui ler o livro, era o livro de uma criança que tinha sido adotada, né? Por uma família, então toda a história daquela criança, e aquilo já foi mexendo comigo, né? A história dela, como que ela descobriu isso lá na frente, e aí era, “Em Busca de Mim”, é em busca da identidade dele, né? Então, assim, falei, “eu quero um filho assim” e aí, já começou esse processo dentro de mim, sem comentar com o meu esposo.

A partir desse relato podemos perceber que apesar das tentativas frustradas que Helena passou, a maternidade ainda representava um desejo para ela. Algo a ser observado acerca do desejo pela maternidade é a idealização que se supõe deste mesmo desejo a todas as experiências com a maternidade. A maternidade, apesar de ser representada pela via do desejo, pode ocasionar uma experiência de sofrimento a certas mulheres, por isso, neste texto, a maternidade é entendida como função simbólica, significada a partir da lógica do cuidar, visando a formação da criança e o apoio ao seu desenvolvimento biológico e emocional.

Dessa forma, também deve ser dissociada da experiência da gravidez, uma vez que este é um processo de gestação que pode vir a resultar no nascimento de uma mãe, ou não. Muitas mulheres apresentam um estranhamento após o nascimento de seus filhos, estranhamento este que pode ou não ser passageiro, apresentando sofrimento, inseguranças e a sensação de

desamparo (PRATA; CINTRA, 2017). Além do que, a mulher pode abdicar dessa função não se responsabilizando pela criança ou também performar os cuidados necessários sem assumir esse lugar subjetivo. Veja, é preciso criticar a romantização da maternidade biológica e instintiva da qual as mulheres são extremamente cobradas. A maternidade como função pode ser exercida pelas mães biológicas para com seus bebês, por pessoas no cuidado afetivo de crianças membro de sua família e por mães adotivas, que mesmo não passando pela experiência do gestar, assumem a função materna para o bebê. Sobre isso, apresentamos o desejo de filiação.

No caso de Helena, impedida de se tornar mãe por via da gestação, abriu-se a possibilidade de se tornar mãe por via do desejo, concretizado pela adoção. O desejo de filiação presente na adoção, para a psicanálise, é um modo de filiação simbólica que se realiza através do desejo de nomear um filho, ou seja, a criança surge, em nome do desejo, no lugar da falta (OLIVEIRA; SOUTO; SILVA, 2017). Tanto para crianças adotivas, quanto para crianças biológicas, a maternidade é signo da castração. Para Freud (1914/2010), é um momento de reedição de seu próprio narcisismo esquecido, quando, marcados pela falta, desejam a criança que é colocada no lugar do falo.

Além disso, no que tange à adoção, além do desejo presente em relação à maternidade, é preciso considerar o projeto de filiação idealizado pelos pais. A este respeito, Helena comenta sobre como conversou com Marcelo acerca da adoção. Eles são católicos e membros da Renovação Carismática Católica e ele havia participado de um retiro para homens, onde foi trabalhando em si a vontade de ser pai e a possibilidade da adoção. Ela conta:

E ele falou, “olha, aconteceu isso e isso lá no retiro, e eu queria falar pra você que eu quero muito ser pai, não importa da forma que esse filho vai vir pra nós”. E aí, eu mostrei o livro pra ele e falei: “tem três meses que eu estou me preparando pra este momento”. Então, assim, nós resolvemos ali naquele momento de sermos pais. Antes disso, eu tive depressões, fiz terapia... então, foi um processo de sete anos.

A partir desse momento, movidos pelo desejo de serem pais, eles foram em busca de realizar esse projeto.

Aí, na nossa época, não tinha, há 24 anos atrás, não tinha aquele processo que você entrava lá no juizado e fazia todo aquele protocolo, né, da adoção, que aí vem assistente na sua casa e então, você é chamada, e então tem todo aquele protocolo. Não tinha nessa época. Mas nós fomos lá e falamos pro juiz que nós tínhamos o desejo de ser pais. O que a gente poderia fazer? Por quê? Nós gostaríamos de ter uma criança, um filho sim. Não importava... nós não colocamos se ela era branca, negra, menina, menino. A gente queria ter um filho, né? E a idade, nós colocamos até três anos de idade, que era bebê ainda, então até três anos. Assim, no meu interior, eu pedia muito pra que fosse um bebê, pra eu desenvolver essa maternidade, né, assim, com ele, um bebezinho.

Um fator que diferencia a experiência da maternidade por adoção de outras vivências é que, nesse contexto, a sinalização do desejo acontece de forma pública e atravessada pela justiça, na qual os pais precisam buscar informações, reunir os documentos e ir em busca de assinalar o desejo para uma autoridade que poderá conceder-lhes a realização. Diferentemente do projeto de filiação baseado no desejo pelos filhos e no surgimento deles como fruto do amor dos pais, a adoção é um mecanismo no qual a ausência da condição biológica exigirá a apropriação da justiça como órgão mediador dos aspectos afetivos e da legitimidade da constituição familiar e de parentalidade (MACHADO; FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2015).

Assim, o desejo pela maternidade de Helena a acompanhou por muitos anos e muitos processos até a chegada de seu filho, iniciando pela sua vontade de ser mãe e pela construção do projeto familiar com Marcelo, depois pelos anos na tentativa pela gestação, na busca de respostas para o que a impedia de engravidar, na tentativa com a reprodução assistida através da inseminação artificial e depois com a escolha pela adoção na busca da concretização desse desejo. É possível dizer, dessa forma, que Helena construiu todo o percurso do seu desejo pela maternidade, chegando a fazer uma “gestação simbólica” de sua criança que a preparou para ocupar essa função de mãe quando conheceu seu filho.

E ele nos colocou o Marcelo Filho no nosso colo, né? Então, a partir daquele momento, quando eu olhei pra aquela criança, é uma energia muito diferente, sabe? Você olha.... eu olhei assim pra ele, eu olhava no olho dele e falava “o doutor, ele é meu, né? Ele é meu, né? Ninguém vai tomar ele de mim”. E ele falou “não, ninguém vai tomar ele de você. Ele é seu, né? Só tem os trâmites da lei que nós vamos passar por todos eles, mas ele é seu”. E o primeiro momento, assim, daquele... É uma coisa muito louca, tem que... É muito louca. Eu estou falando pra você, todas as emoções, elas vêm realmente, né? Aquela coisa de faltar o fôlego, porque é muito lindo, né? Ser pais, eu não falo só por mim, mas eu conheço o coração do Marcelo e eu sei também como ele quis ter esse filho.

O processo do “tornar-se mãe” acontece de forma diferente para cada mulher, de modo que cada experiência de maternidade é única porque cada mulher que se torna mãe vai elaborar sua própria entrada na maternidade. Marcada pelo primeiro contato e contemplada após os anos de espera, a sensação de ter se tornado mãe para Helena foi imediata, apesar dos desafios ligados a essa nova etapa. No momento em que Helena se torna mãe, Marcelo Filho se torna filho, o primeiro filho. Sobre isso, Teperman (2020, p. 13), afirma que nos primeiros momentos da vida do bebê ele já está envolvido nos “significantes recortados pelo Outro na linguagem para nomeá-lo – outro modo de dizer que um bebê nasce quando começa a ser falado pelo Outro”. Mesmo antes de nascer, o lugar reservado para Marcelo Filho foi sendo elaborado no simbólico

de seus pais e a partir do momento em que o juiz indicou ao casal a possibilidade dessa adoção, ele foi nomeado como filho. Por outro lado, também podemos dizer que antes de sua nomeação, Marcelo Filho já tinha um lugar no desejo desses pais, esperando para ser ocupado.

Zornig (2010), ao expor sobre o trajeto subjetivo na mulher apresentado por Freud (1924/1976), afirma que para este, o lugar destinado ao filho para a mulher é produto do processo de reatualização e resolução edípica, no qual o bebê é colocado na equação simbólica como o falo e, por esse motivo, a maternidade seria uma saída ou uma solução para as questões da feminilidade. Assim sendo, ter seu filho representou para Helena a esperança da realização do desejo de ser mãe, apesar de não saber o que havia de errado e a impedia a gravidez, ela se sentia realizada por ter se tornado mãe.

Quando o Marcelo Filho tinha quatro meses, eu descobri o meu problema, que era endometriose. Então, eu fiz toda uma cirurgia, aí passei por todo aquele processo de várias cirurgias. Eu tava no último ano da faculdade, mas eu conseguia fazer tudo. E, assim, foi um presente ter o Marcelo Filho e ainda descobrir o meu problema, porque naquela época eu não sabia nem muito o que era endometriose. Acabei perdendo trompa, ovário, né? Várias cirurgias. Mas eu tinha só alegria, porque nesse momento eu me entendi que mesmo eu perdendo um ovário, aquilo não era mais tão significante pra mim como mulher, por mais que você sofra... porque eu sofri como mulher, mas como mãe, eu imaginava “eu já tenho meu filho”.

Carvalho e Oliveira (2017), apresentam que relacionada à figura social da mulher vítima de opressão sexual, da apropriação de seu corpo e de sua forma de subjetivação pelo patriarcado, encontra-se a figura da mãe, isto é, a ideia da maternidade é imposta às mulheres a medida em que participam do “mesmo conjunto discursivo relativo às imposições sociais sobre o sexo feminino, e que reafirmam o conceito da identidade feminina e materna como indissociáveis e reticentes umas às outras” (CARVALHO; OLIVEIRA, 2017, p. 48). Como apresentado anteriormente e relacionado ao pensamento dos autores, essa correlação decorre da crença tradicional da família nuclear burguesa que depende dessa atuação da mulher e na qual a maternidade é vista como natural e emaranhada ao dever e validade da mulher. A gravidez e a maternidade são vistas como símbolos de valorização e satisfação às mulheres, portanto as mulheres que não desejam ter filhos ou mesmo estas que desejam, mas que não conseguem por via da gravidez são condenadas.

Helena conseguiu diferenciar-se nessa dualidade de mulher/mãe pois sofria como mulher pela descoberta dessa questão com sua saúde e pelos processos médicos que se submeteu apesar de sentir-se realizada por ser mãe. Diante da circunstância que estava vivendo em virtude do desempenho dessa nova função com seu filho, conseguiu encontrar uma saída para este sofrimento fechando os anos de frustração em relação à maternidade e os processos

que seu corpo foi submetido. Como mãe, era início de uma nova fase, para além de Marcelo Filho, ela desejava outros. Ademais, é possível afirmar que, ao se “descolar” da ideia segundo a qual a maternidade está associada à questão biológica, Helena pôde dar vazão a esse desejo, que não é nada natural e sim construído. Quando seu primeiro filho já estava completando 5 anos, decidiram fazer a inscrição para adotar outra criança, dessa vez uma menina.

Aí nós já tínhamos feito a inscrição, essa inscrição a gente tinha feito pra uma menina, e aí era do estado inteiro. E aí, não sei por que, um juiz de outra cidade viu a nossa inscrição e entrou em contato com a gente, falou que era uma criança prematura e queria doar pra gente, porque a gente já tinha um filho, e nem eles sabiam se essa criança ia escapar ou não. Então nós fomos lá buscar o Pedro Henrique. Na estrada eu falei, "nossa, mas eu queria tanto uma menininha... [...]" "não, tá certo, vai ser mais um menino pra nós". E aí ele falou assim, “vai ser o Gustavo, você não tem vontade de ter um Gustavo, Gustavo Henrique?” E aí veio no meu coração, não, "ele vai chamar Pedro Henrique", falei pra ele. Quando nós chegamos lá, ele tava na casa de passagem, ele tinha ido pra uma casa, e tava uma senhora com ele no colo, né? [...] E tinha uma menininha nessa casa, assim, mais ou menos 4, 5 anos. E quando eu peguei ele no colo, a menininha falou assim, "tia, você sabe como ele chama?" Aí eu falei, "não, como ele chama?" Ela falou, "Pedro". Naquela hora, eu tive a certeza, “é o nosso Pedro. Ele é nosso”, né?

Mais uma vez, o bebê foi sendo gestado simbolicamente antes de ser acolhido por essa família. Havia o desejo por outro filho somado à abertura que o casal tinha para receber as crianças, assim como Helena disse: “eu fiz assim questão de não visitar orfanato, porque eu não estava comprando ou buscando algo que eu poderia devolver depois, ‘eu quero esse, eu quero aquele, isso eu não quero’, então, eu deixei ser escolhida”, abrindo-se à possibilidade de acolher o bebê que foi escolhido para ela. Mesmo optando por uma menina, o casal não se recusou a adotar outro menino. Podemos perceber que a dimensão das escolhas e das circunstâncias na qual a criança foi recebida também fazem parte do tecido da história que perpassa o surgimento da criança na dimensão simbólica e na construção do desejo dos pais, assim como afirma Zornig (2010).

A escolha pela adoção também se mostrou para Helena como uma necessidade de afirmação do desejo pela maternidade e do compromisso que havia feito com seu esposo e com seus filhos. A adoção, muitas vezes, recebe esse caráter probatório do desejo pela filiação, no qual os pais precisam sempre estar dispostos a reafirmar sua certeza na parentalidade e seu desejo, buscando cravar esta escolha como definitiva. Mais de uma vez Helena relata situações na qual teve sua escolha confrontada e questionada, na qual usava como oportunidade para reafirmar a legitimidade da família construída pela adoção. Ela conta:

Inclusive o meu irmão me fez essa pergunta, "oh minha irmã, como que é isso pra você? E se essa criança tiver uma doença, como que é isso? Você, né, adota uma

criança assim, e se ela tiver uma doença, o que você vai fazer com ela?" Eu falei, "o seu filho nasceu e você também não conhece, se ele tiver uma doença, o que você vai fazer com ele? Que eu vou amar o meu, da mesma forma que eu vou cuidar dele, pra que ele tenha uma vida, né, feliz, que ele seja feliz, com doença ou sem doença, do jeito que for". E ele chorou, me abraçou e falou assim, "como é lindo esse amor", tá?

Dessa forma, não é incomum que haja certos tipos de comentários curiosos acerca da adoção, podendo surgir como um genuíno interesse de saber mais sobre a dinâmica ou como uma tentativa de invalidar a escolha por esse arranjo familiar. Apesar de se incomodar com alguns comentários maldosos que recebeu, Helena sempre tentou reivindicar seus direitos como mãe e procurando sempre estar presente com seus filhos, ela comenta que foi a primeira mãe por adoção a tirar a licença maternidade durante sua graduação quando adotou Marcelo Filho, mas também sobre as dificuldades que passaram na adoção de Maria Alice, sua filha caçula.

Maria Alice, quando ela veio, quando ela veio pra gente com um problema, né, então com oito dias ela teve que voltar pra UTI, e aí lá na UTI eu pedi muito pra que eu ficasse com ela, então montou uma UTI num apartamento pra que eu ficasse com ela, eu não queria deixar ela só pra que ela não tivesse aquela coisa de abandono, né, de novo, novamente, rejeição, então eu fiquei com ela no hospital, ela no decorrer da primeira ano da vida dela foi quase toda em UTI, até a gente descobrir o problema dela, que era uma alergia à proteína do leite da soja.

Além das questões relativas à experiência de maternidade como o cuidado, a responsabilidade e a educação dos filhos, a maternidade por adoção apresenta desafios próprios, é preciso que os adotantes compreendam o processo de adaptação deles com os filhos e dos filhos com eles e da construção da dinâmica relacional, além de ter que encarar o fantasma do abandono e da ruptura com a família de origem (OLIVEIRA; SOUTO; SILVA, 2017). Mesmo que Helena e Marcelo não tenham enfrentado estas questões no início do processo de adoção dos filhos, visto que todos foram adotados recém-nascidos, isso também era uma preocupação de Helena que tentou contornar esta problemática no cuidado de Maria Alice, tentando se fazer mais presente quando a bebê passou pelas internações.

Para Helena, o cuidado e a dedicação presente na criação de seus filhos, principalmente nos desafios e adaptações existentes nos primeiros momentos da vida da criança, são sinais da emergência da função materna, energia libidinal amorosa dirigida aos filhos que está ligada ao desejo de cuidado, de 'maternar', de exercer uma função que não se relaciona ao componente biológico ou mesmo de gênero, ao que ela nomeia de 'amor incondicional de mãe'. Apesar da generalização da experiência da maternidade resumida no ideal do amor incondicional materno, é a partir dele que Helena fala sobre o amadurecimento do seu desejo de filiação e de como conseguiu exercer a maternidade através desse amor. O "amor de mãe", afinal, pode ser

considerado o significativo desse processo que Fryd (2005), vem colocar como o projeto simbólico da adoção que atravessa o desejo inscrevendo os pais na dinâmica de filiação a partir do que comenta Oliveira, Souto e Silva (2017).

Então assim, esse amor, é um amor, eu digo assim, esse é o amor incondicional, né, às vezes tem uma mãe que fala assim, “amor incondicional, amor de mãe é o amor incondicional”, nem sempre, né... mas eu falo assim, esse amor ele é tão incondicional, porque você... a partir do momento que você... já cresce dentro de você esse desejo, já madurece esse desejo... porque senão é só o querer, tem que amadurecer, tem que ser uma coisa certa, uma coisa pensada.

É possível perceber que além da palavra amor, Helena utiliza da palavra desejo para falar sobre sua experiência com a adoção, não apenas o desejo, mas o projeto de filiação que parte do interesse e da tomada de decisão, utilizando dos recursos legais para a manifestação desse desejo e do resguardo legal entre ela e seus filhos. Sobre isso, ela complementa:

E eu quero, assim, uma coisa, assim, que eu queria deixar bem claro, é que, é, adoção, ela, ela dá certo, tá? ela dá certo... incertezas, medos vêm, né, inseguranças, sabe, a gente tem...” [...] “adoção dá certo, sim, ela dá certo, dá certo quando você tem o desejo, deixa crescer esse desejo dentro de você, toma a decisão e toma a decisão certa, correta, na hora certa, no momento certo.

3.2 Parentalidade, sentidos e desafios: o mais importante de tudo é o amor

Além do desejo pela maternidade expresso por Helena na adoção de seus filhos, é necessário marcar que esse desejo comparece como desejo do casal, uma vez que a adoção faz parte do projeto que o casal construiu para a realização de sua família. Nesse sentido, esse projeto de filiação elaborado por Helena e Marcelo que aconteceu por via da adoção, denuncia o desejo pela parentalidade, termo parcialmente recente utilizado pela psicanálise francesa que busca compreender a dimensão processual e construída da relação singular entre pais e filhos (ZORNIG, 2010). Através do relato de Helena, pudemos compreender como ela manifestava seu desejo de ser mãe também relacionado ao seu desejo de construir uma família com Marcelo e ambos elaboraram seu desejo pela adoção de forma particular até o momento em que decidiram ser pais e buscaram na adoção o meio de concretizar esse projeto.

Ainda que o desejo de ter filhos possa ser manifestado de forma individual dentro da dinâmica do casal, é interessante compreender como a dinâmica da parentalidade foi um plano para Helena e Marcelo. Como dito anteriormente, ela conta que sempre foi um sonho para ela ter filhos, assim como para Marcelo, que não deixaram de investir nesse projeto apesar dos sete anos de espera e tentativa com a gravidez. Assim, Zornig (2010), defende a ideia de que

parentalidade é um processo de subjetivação da ordem do “tornar-se” sustentado pela história individual de cada pessoa, cujo desejo pela parentalidade reatualiza suas próprias fantasias infantis acerca do cuidado parental, e pelo desejo do casal de construir relações íntimas baseadas na troca de afetos e transmissão simbólica.

Assim, Freud (1914/2010), nos diz que amar é atualizar amores, esses que foram vividos especialmente na infância. A partir dessa ideia, Dunker (2021), discorre acerca do que chama de “economia libidinal da parentalidade” (p. 42), visando pontuar as transformações de quando um casal começa um projeto de filiação. O autor afirma:

Há certas condições sem as quais nós não conseguimos amar, desejar e gozar com o outro. Algumas são *necessárias*, sem elas nenhuma outra forma de amor seria possível. Outras são condições negativas, que tornam a relação impossível. Uma vez atendidas tais condições, precisamos da *contingência* que torne a troca efetiva e real (DUNKER, 2021, p. 40).

Parece que Helena e Marcelo, uma vez demonstrando o desejo de colocar alguém no lugar de objeto do amor parental, algo contingencial se colocou concretizando tal desejo. A história do livro, a qual Helena conta que foi “um sinal” de Deus, um chamado para a maternidade, chamado este que também foi colocado pelo seu companheiro, representa isso que o autor fala da contingência. A partir de um acontecimento, de algo contingente, o desejo emerge convocando uma concretização que, neste caso, refere-se ao desejo de filiação. Isso lembra o que nos fala Xerfan (2016), no seu livro “A gente só é bonito quando a mãe da gente acha”. A autora aponta, a partir de Freud e Lacan, como o ato de adotar um filho(a) depende do amor e da captura deste como objeto de desejo. Nesse sentido, todos pais, independente se tem laço consanguíneo ou não, para se tomarem um filho como seu, necessitam adotá-lo como um ato simbólico.

Helena e Marcelo, por serem membros ativos da igreja católica, também são atravessados pelo discurso religioso relacionado aos ensinamentos de construir uma família através do casamento e da multiplicação pelos filhos, como ela mesmo comenta “eu falo casais porque a maioria... porque assim, é mais lógico né... casar e constituir a família, então é isso que a gente vem dessa concepção, dessa... a história, a sociedade, ela traz isso pra gente, né... casar, multiplicar...”. O casal evidencia, portanto, o quanto isso que é da ordem do social e da religião opera sobre suas subjetividades e sobre o desejo pela filiação. Após os cinco anos de namoro do casal, a constituição familiar a partir da união matrimonial com Marcelo já era algo que estava no imaginário de Helena, perpassando a dinâmica da idealização da maternidade relacionada à gravidez, quando diz:

Então assim... no meu pensamento, assim... nunca veio assim “ah... nossa, eu poderia (adotar)...” Antes naqueles sete anos, eu sonhava com o barrigão, amamentando. Depois disso foi sendo superado pelo amor.

Quando os imperativos biológicos da realidade barraram para Helena a possibilidade de ser mãe por via da gestação, situação que ela idealizava e ansiava por acontecer, o desejo pela maternidade a fez pensar em como poderia ela realizar esse projeto, abrindo-se a outras possibilidades.

E aí, um dia eu tive um sonho, era meio irreal, um sonho, não sonho, como se tivesse uma criança me olhando, não, tinha uma criança me olhando, parecia um anjo ali me olhando. Eu acordei no meio da noite e pensei assim, “meu Deus, é meu filho, eu quero um filho, Deus, não precisa ser do meu ventre, mas que seja do meu coração”.

Observa-se que o desejo de filiação, representado no sonho, fez com que Helena superasse o ideal da maternidade pela via biológica, algo que, conforme mencionado, trata-se de um resultado de um discurso que coloca à mulher em um lugar de procriação, impondo a maternidade como única saída para o seu desejo e feminilidade. Tal ideal não deixa de representar, em certa medida, uma concretização do discurso religioso. Para Rosa (2021), “a Igreja impôs um adestramento das mulheres na figura de ‘boa-e-santa-mãezinha” (p. 30), fato que tem ressonância até hoje, na contemporaneidade, a despeito das novas configurações familiares. A expressão popular “filho do coração”, manifestada na fala de Helena, foi uma forma dela dizer que Marcelo Filho vem “de dentro dela”, vem dela, como se estivesse vindo da “barriga”. Neste sentido, a referida expressão não seria uma forma de tamponar isso que é da ordem de um buraco que, no final está para todos, mas que de certo modo, ao menos aqueles que tiveram “filhos” biológicos, não lidam com isso de maneira tão escancarada?

Retomando o que Zornig (2010), apresenta a entrada na parentalidade ocorre com a elaboração de cada um sobre sua história e seu desejo, assim como declara Helena. Nessa perspectiva, Legendre (1999), a partir de Rosa (2021), afirma que exercer a parentalidade não diz respeito à estrutura subjetiva da pessoa, mas à resposta que essa pessoa dá, em nome do desejo, ao fantasma do grupo social na abertura da inscrição para o exercício dessa função, nomeando esse filho por um desejo não anônimo. A parentalidade só pode ser pensada a partir da relação dialética atribuída nessa dinâmica, porque para que exista a mãe e/ou o pai, é preciso que exista o filho (MACHADO; FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2015).

Desse modo, a parentalidade é o ato de nomear-se mãe e nomear-se pai a alguém no qual você nomeia filho. Com o primeiro filho de Helena e Marcelo, a dinâmica do desejo de filiação, ou seja, a nomeação filiar aconteceu de forma tão literal que o bebê, fruto de anos de

espera e da concretização desse projeto, foi nomeado Filho, se Marcelo é pai, o filho é Marcelo Filho. Sobre isso, Rosa (2021), complementa que o exercício da função materna e da função paterna implica a nomeação que autoriza a inscrição social da criança como “filho de”:

Escrever um lugar no discurso para a criança como ‘filho de’ institui funções parentais e atribui a ela, além da vida nua (*zoé*), uma vida apoiada na estrutura sociopolítica-libidinal (*bios*), resultado da transmissão de uma herança simbólica, imaginariamente atada à transmissão da tradição de uma comunidade (ROSA, 2021, p. 34, grifo da autora).

A efetivação dessa nomeação subjetiva produz um laço social que responde ao entrelaçamento entre a sociedade e a lei da linguagem pelo desejo dos pais. Na história de Helena e Marcelo coincide as funções materna e paterna sendo exercidas por mãe e pai, respectivamente, apesar de essa correspondência não ser imperiosa. Nesse sentido, a entrada na parentalidade apresenta diversas mudanças na dimensão simbólica da vida do casal e deste(s) filho(s). Muito além de entrar na dinâmica da parentalidade, a vivência familiar e os desafios relativos ao exercício da experiência são da ordem da sustentação dessa posição. Antes mesmo da primeira adoção, quando Marcelo Filho ainda era uma promessa, Helena comenta sobre a preparação para receber esse filho:

E acontece porque é aquela vontade de preparar o ambiente, né? E foi isso que nós fizemos, eu preparei o ambiente, né? Então fizemos tudo, né? Eu não sabia se era menina ou menino, mas preparei tudo e veio o Marcelo Filho. Fiz o álbum dele, é como se fosse, assim, é o primeiro dia dele, né? Primeiro banho, as escritas, tudo, o albinho, por exemplo, que uma mãe biológica faria, eu fiz tudo. Fiz tudo aquilo, fiz as lembrancinhas pra quem fosse na minha casa ia receber, independente se essa criança viesse de um dia, dez dias, né? E eu fiz tudo, sabe? Preparava tudo, né?

A fala de Helena aponta para o que Stern (1997), conceitua como a “constelação da maternidade”. Embora a autora faça referência à maternidade gestacional, é possível transpor para o desejo de filiação, já que este está presente em qualquer forma de se “conceber” um filho(a) como seu. Stern (1997), afirma que a constelação da maternidade é “uma organização temporária e completamente normal que acabaria por determinar uma nova série de tendências de ação, fantasias, medos, desejos e sensibilidades” (STERN, 1997 apud MARTINS; FIZZO; DIEHL, 2014, p. 295). Nesse momento, emerge a pré-história da criança, que já existe no discurso de quem vai exercer a função materna. Assim, “as representações parentais acerca do bebê costumam anteceder a concepção” (STERN, 1997, STERN, 1997 apud MARTINS; FIZZO; DIEHL, 2014, p. 295).

Além de preparar o ambiente onde iria receber seus filhos, Helena fez a opção de inscrever-se para adotar crianças recém-nascidas com até dois anos de idade. Ela comenta que

optou essa idade porque queria desenvolver com eles, ainda na primeira infância, uma relação maternal. Sobre isso, é preciso enfatizar que apesar da escolha de Helena, a construção do vínculo de filiação também pode acontecer de forma satisfatória quando se trata de uma adoção tardia, a adoção de crianças ou adolescentes com idade superior aos três anos de idade. É bastante comum que crianças com idade mais avançada recebam o estereótipo da dificuldade de construção de vínculo ou que exista sobre elas uma crença do acarretamento de maiores problemas ou desafios relativos à prática da adoção. Entretanto, as dificuldades que possam ser apresentadas são elaboradas na dinâmica familiar assim como as de qualquer outra natureza relacionadas à experiência de parentalidade ou filiação. A adoção de recém-nascidos, tardia ou de adolescentes, não é em si impedimento para o estabelecimento de vínculo.

Segundo Sampaio, Magalhães e Féres-Carneiro (2018), ainda sobre a adoção tardia, na perspectiva de construir uma nova história para a criança, também baseada na reprodução de um ideal familiar, muitos pais que adotam crianças maiores que já possuem consciência da adoção procuram apagar a história desse filho, na tentativa de começar uma ‘outra história’ que não toque em questões potencialmente adoecedoras para a criança. No entanto, essa tentativa não se dá conta de que a possibilidade da construção de uma nova etapa da história da criança, e não de uma outra história, se dá a partir da resignificação do passado através da fantasia, dos questionamentos e da elaboração realizada no meio familiar, fundamentais para a construção da identidade da criança e do vínculo de afeto. Ou seja, o exercício do cuidado, da paciência e abertura para de elaboração de angústia infantil é o que compõe o “ser mãe” ou “ser pai”, mais importante do que gerar o filho (SAMPAIO; MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2018).

Pelo fato da adoção de Marcelo filho ter sido realizada quando ele tinha apenas um dia de vida, Helena pode encarregar-se dos primeiros cuidados da vida dele, fazendo questão de guardar essas memórias em um álbum que fez só para ele, onde contém fotos dos primeiros dias, eventos que aconteceram no ano, recadinhos de familiares ou pessoas próximas à família que lhe fizeram uma visita, entre outros. Também na adoção de Pedro Henrique, que na época tinha 3 dias de nascido, e de Maria Alice Helena, com 1 mês e 23 dias, fez da mesma maneira, fazendo com que os três filhos pudessem resgatar as memórias de sua primeira infância, lembrar o momento em que eles chegaram à família e terem para si um álbum de memórias particular que fosse fruto do amor dos pais e marcasse seu lugar especial na família. Em relação ao Pedro Henrique, Helena também usou do álbum para acompanhar seu desenvolvimento nos primeiros meses, pois quando foi adotado ainda era muito pequeno e prematuro.

Uma criança que foi forte, cuidada, amada, o pediatra falava assim: "é só amor, é só amor"... Com um mês que ele tava com a gente, ele já desenvolveu tanto, eu tirei uma foto... eu tenho uma foto dele com o macacãozinho, quando ele chegou, e depois eu tirei com o mês, pra ver o desenvolvimento com ele. Então, realmente, é o leitinho, é o amor. Fiz o álbum do Pedro do mesmo jeito, de Marcelo Filho. Coloquei os fatos que ocorreram naquele ano, o que foi bom, o que foi ruim naquele ano, né, o que tava mais chamando atenção na política. Então, eu fiz pra eles três da mesma forma, né.

Através do álbum de cada filho, Helena conseguiu instituir um rito familiar e ajudar na construção da memória dos filhos. Ozoux-Teffaine (2004 apud ALVARENGA; BITTENCOURT, 2013), apresenta que nos primeiros momentos depois de realizada a adoção ocorre um mecanismo similar ao que acontece após o nascimento do bebê, que para Helena aconteceu simultaneamente, que diz respeito ao encantamento dos pais pela criança no qual a elas são projetadas expectativas de uma satisfação narcísica dos pais, envolvendo o bebê ou a criança numa série de atenções especiais e cuidados, importante para o estabelecimento simbólico de filiação. Entretanto, durante esse primeiro momento após a chegada de Marcelo Filho, Helena relata uma situação que foi desafiadora para ela:

Por exemplo, uma tia do meu esposo, ela chegou lá em casa, então ela levou um presentinho bem "calézinho", né? Assim, pra dar pra aquela 'criança', né? E quando ela viu... que ele era uma criança muito bonita, né? E ela viu ele ali no berço, ela falou assim, "nossa, eu vinha falando pra as meninas assim" que ela tinha as filhas, na época também eram pequeninhas, e ela falava "olha, Helena e Marcelo adotaram uma criança. Então, a gente não sabe se ela é preta, se ela é feia..." e ela teve a coragem de me falar isso, "mas eu tô surpresa de ver como essa criança é linda, né?" Na hora eu tinha vontade de pegar o presente dela e jogar fora, né? Porque ela me entregou, mas eu me contive, né? Aí eu falei assim, "então, as meninas estão vendo que é meu filho..." Então, naquele momento já começou dentro de mim, "opa, preciso defender essa causa, né?" Preciso defender essa causa e, de uma forma ou de outra, proteger meu filho, porque eu não quero só esse.

Mesmo com a felicidade da realização do seu desejo de ser mãe, nos primeiros momentos do cuidado com Marcelo Filho, em que Helena esperava visitas para celebrar sua maternidade, ela foi confrontada com o preconceito de algumas pessoas de sua família em relação a sua escolha e ao seu filho, ainda na tentativa racista de felicitá-la por sua criança 'bonita', branca assim como Helena. Durante esse momento, Helena conta sobre outro momento que foi desafiador para ela, quando ela e o marido procuraram uma clínica para realizar os exames necessários para saber se seu bebê estava saudável, normalmente realizados durante o pré-natal, mas que eles precisaram fazer após a adoção.

A enfermeira já ficava assim, "por que você tá fazendo esse exame com o seu filho?" Porque ela não sabia que ele era adotado, e ele parecia muito comigo. Aí eu falei assim, "por que nós resolvemos fazer" E ela ficava me questionando, questionando, sabe? Poderia até dizer "o que você tem a ver com isso?", né? Se eu resolvi fazer ou não, "ah, mas fazer um teste de 'AIDS' e tudo, por quê?" Aí, assim, eu não respondi,

mas eu tive que falar com o médico responsável da clínica, “olha, aconteceu isso, isso, isso”. Ele era colega do meu esposo, então, ele, assim, ele falou “eu não acredito, eu fiz tudo, escolhi a melhor profissional, e ela me decepcionou”. Eu falei, não, eu não tô dizendo pra você que eu fiquei chateada com isso, hipótese alguma, eu só quero dizer pra você que prepare melhor, porque viram outras famílias.

Após escolher a adoção para realizar seu desejo pela maternidade, Helena tomou a decisão de defender essa causa e se impor pelos direitos que ela e sua família tinham, na tentativa de proteger seus filhos e de se preparar para adoção dos outros que estavam por vir, uma vez que, como ela mesmo diz: “é isso que eu falo, quando você pega aquele pacotinho de amor, tem que se preparar pra tudo, né, pra tudo...”. Ela também comenta que por presenciar a posição de defesa da mãe, principalmente em relação à filha caçula, Maria Alice, na qual comenta que todos ‘percebiam’ a adoção, por ela ser negra diferentemente dos dois irmãos mais velhos, Marcelo Filho também se apropriou dessa questão e, depois de adulto, formou-se em direito usando da adoção para elaboração do seu projeto de conclusão de curso.

Então, isso é importante, né... porque com a Maria Alice as pessoas percebiam a adoção... com os dois não, quando a gente chega num lugar, as pessoas olham, assim, "só ela que é né", e isso, às vezes, teve alguns transtornos, né, então... isso o Marcelo Filho não aceitava também, porque ele falava assim, “não, eu vou, eu quero estudar e quero defender essa causa”, porque quando ela era bebê e nós estávamos em viagem, uma senhora dentro da piscina ficou me questionando o tempo inteiro se ela era minha mesmo, então assim, existem muitas coisas e a gente tem que saber sair bem desses momentos.

Sobre isso, Helena também se posiciona com muita decisão, ao falar sobre a escolha pela adoção e a responsabilidade que isso acarreta em relação à criança: “e ela também não é um brinquedo, você compra, depois cansa de brincar e coloca do lado, não, ela vai estar ali com você, você vai ser mãe, pai, pro que der e vier, então essa é uma decisão muito importante pro casal ou pra aquele que queira, pro adotante, ele precisa ter muita consciência disso”. Nesse sentido, Helena aponta que a adoção deve ser pensada a partir da responsabilidade atribuída ao desejo e à tomada de decisão, a fim de estabelecer o vínculo de parentalidade de forma correta. É preciso que os pais tenham consciência do desafio e da importância relacionada a como se posicionam em relação à adoção e aos seus filhos, buscando ter condições de atravessar as experiências desafiadoras que a parentalidade exige.

Dentre essas experiências, uma vivência importante para pais adotivos que pode ser vivida com certa angústia, principalmente para os que adotaram crianças recém-nascidas, é relacionada à necessidade de contar para a criança sobre sua adoção e sua origem. Sobre essa situação, Helena comenta que buscou informações de como realizar esse processo no tempo

certo e da melhor forma possível, contando com o apoio do juiz que assinou a adoção de Marcelo Filho e de sua psicóloga.

(Com) o Marcelo Filho, o doutor Ari mesmo e a minha psicóloga na época me orientou a fazer uma técnica do primeiro sono. Então, colocar a mão na cabeça da criança, no dia que ela fizesse um aninho e eu fiz assim, pra ter uma data, né, certa... e contar a história rápida, uma historinha rápida, quando ele começasse a dormir. Aí eu fiz, contei que a nossa casa era tudo muito no lugar, tudo muito certinho e nenhuma peça estava fora do lugar. Mas eu sentia falta de ter brinquedos, de ter bagunça na casa, risadas na casa. E a mamãe não tinha como ter um bebê, a mamãe tem um problema na barriga, não tinha como ter um bebê na barriga dela, mas nós ganhamos ele que saiu do meu coração. Esse "saiu do meu coração", pro Pedro já foi complicado. Então, isso eu falei em sono... que ele veio e que a gente amava muito, foi só em sono. Quando ele fez um ano e seis meses, eu repeti. Quando ele fez dois anos, eu repeti.

É interessante apontar que na primeira história que Helena conta para Marcelo Filho sobre sua adoção, ela usa de recursos simples e significantes, ao falar que sua vida e, de certa forma, sua família, estavam no lugar, mas que ela sentia falta de alguém que viesse bagunçar e, posteriormente, reordenar sua casa, um filho que surgiu do seu coração. Apesar de repetir várias vezes essa história ao longo do desenvolvimento de Marcelo Filho, foi só quando ele tinha 4 anos de idade, durante uma viagem em que eles estavam assistindo ao noticiário, que ele perguntou o que era adoção quando apareceu a história de duas mulheres brigando pela guarda de uma criança. Nesse momento, Helena usou de um brinquedo que Marcelo Filho tinha para explicar do que se tratava.

Então, ele perguntou "o que é adotado?" Aí eu falei pra ele assim, ele tinha um cebolinha, ele ganhou o cebolinha de uma amiga minha, quando ele fez um aninho. Então, o cebolinha pra ele é o filho dele, né? Adotado. Eu expliquei pra ele que adotar é quando a gente, por exemplo, uma cachorrinha ganha os cachorrinhos filhotes. E aí a gente pega aquele filhote pra gente. Então, ele agora é meu, da minha casa, eu adotei ele pra dar amor, dar carinho. E fui falando, assim como você pegou, ganhou o cebolinha. De quem é o cebolinha? Ele falou "meu, do Marcelo Filho". Eu falei "e você cuida dele?" "cuido", "e você quer dar ele pros outros?", "não, ele é meu". "Então", eu falei... aí eu ia dizer assim, 'assim aconteceu com você' ele falou assim, "que nem eu, né, mamãe, com você" e eu falei "que nem você". Foi dessa forma. E pronto, é, por eu ser também pedagoga, psicopedagoga, e estudei muito também, né, o caso da adoção, auxiliei vários casais também, eu buscava sempre saber como esse momento não é fácil de dizer.

Ao contar para o filho sobre a adoção, Helena tomou o cuidado de realizar de uma forma lúdica, usando além do momento em que seu filho lhe demanda, os mecanismos capazes de fazê-lo compreender a partir dos elementos de sua realidade. Helena conta que buscou nunca esconder a verdade dos filhos pois não se sentia no direito de esconder a identidade deles fazendo com que vivessem uma falsidade. Isso foi importante para construção da imagem que Helena fez para si sobre a história dos filhos e para como eles poderiam assimilar sobre a

construção da narrativa sobre sua própria vida e demonstra a elaboração e que ela e o esposo fizeram do luto sobre o filho biológico que foi esperado, possibilitando-se exercer a parentalidade a partir da existência dos filhos reais (SCHETTINI; AMAZONAS; DIAS, 2006). Sobre isso, ela acrescenta:

O que a gente sabe é assim "deixa perguntar e você responde", né? Se chegar uma época que não perguntar nada, você tem que falar, porque não é... uma das coisas que aquele livro me ensinou... "Em busca de mim", é que a verdade ela tem que ser sempre dita porque é a identidade... nós não temos o direito de esconder a identidade de uma pessoa, né? Porque senão seria tudo uma falsidade, né? Eu ia criar ele dentro de uma falsidade. Lá na frente, ele ia descobrir, com certeza, acaba descobrindo, porque tem caso na minha família assim também, e que se revolta com os pais. Por que se revolta? "Ah, mas nossa, tinha tudo, por que faz isso?" Porque escondeu dele a verdade, todo mundo tem direito de saber a verdade, então eu e meu esposo sempre combinamos quanto a isso, que ele iria saber a verdade.

Apesar dessa conversa ter sido satisfatória tanto para Helena quanto para Marcelo Filho, eles passaram por um episódio de preconceito contra a adoção dentro da família quando estavam em uma chácara com outros membros da família.

Depois ele já tinha uns seis aninhos brincando lá na chácara, o filho de uma prima do Marcelo falou, "sai daqui o balanço não é seu" e ele falou, "o balanço é meu", "não, não é, você não é filho da Helena". [...] Uma criança mais velha do que ele, ele tinha uns seis, a criança tinha uns dez. E aí falou pra ele, ele falou assim, "eu sou filho da minha mãe", aí ele falou, "não, sua mãe roubou você de uma mulher". Então, com certeza, essa criança tinha escutado isso em casa, né? E aí ele olhou pra ele e falou assim, "roubou não, eu saí do coração da minha mãe". E saiu correndo do balanço e foi pra casa e o meu sobrinho tava perto, escutou e me contou.

Evento que poderia ser potencialmente a causa de um sofrimento e trauma para Marcelo Filho, principalmente relacionada à fantasia infantil de ser um estranho no meio familiar não 'legítimo' daqueles pais, conseguiu ser, de certa forma, amenizado através do conhecimento dele sobre sua própria história. Assim, as autoras Schettini, Amazonas e Dias (2006) dizem que é preciso que os pais adotivos deem lugar à família biológica dentro da experiência adotiva para a criança, na intenção de fazer com que essa questão biológica perca o significado de fantasma persecutório ou de segredo na cena familiar, e complementam que "calar ou desestimular a curiosidade do filho alimentará a construção de áreas secretas. Tacitamente se estabelecerão os temas a serem evitados e será criado um contexto relacional colusivo e de evitação, que limitará os espaços da filiação recíproca" (SCHETTINI; AMAZONAS; DIAS, 2006, p. 291). A partir desse evento, Helena e Marcelo decidiram conversar com o filho para contar toda sua história e fazem com que ele se apropriasse disso, reiterando o amor que sentiam por ele.

Falei pro meu esposo, 'tá na hora de a gente sentar com o Marcelo Filho, ter uma conversa séria'. E aí nós fomos falar, falei, "o amor, o mais importante de tudo é o amor, não importa como que é esse amor, né?" O importante eu perguntei pra ele, "filho, você... você reconhece que a mamãe te ama muito?" Ele falou assim, "você é minha mãe". Aí eu falei, "pois é, mas você precisa saber que você saiu de uma outra barriga. Não foi da barriga da mamãe. Mas também é essa pessoa que a mamãe não conhece, ela também fez isso por amor. Com certeza ela fez isso por amor, de doar um filho. Então a mamãe nunca roubou você de ninguém. Você é fruto do amor do papai e da mamãe. Fruto do amor, porque foi do nosso coração que saiu esse amor, essa vontade de ser papai e mamãe. Então eu quero que você, filho, em qualquer época da sua vida, que você passar, você entenda que você é muito amado. Você saiba que você é muito amado". E aí meu esposo falou a mesma coisa pra ele, "papai te ama muito, você é muito importante pra nós e nós vamos ter outros irmãozinhos, você vai ter outros irmãozinhos".

Dessa forma, foi através da denúncia explícita do amor e do desejo pela parentalidade que Helena e Marcelo conversaram com o filho sobre sua história. Entretanto, para os outros filhos não aconteceu da mesma forma. Apesar de não comentar durante a entrevista sobre como foi a conversa com Maria Alice, Helena conta que usou da técnica do sono para todos os filhos, contando brevemente sua história à medida em que fossem crescendo e abrindo-se à possibilidade de conversar sobre isso quando as crianças apresentassem dúvidas. Foi através da frase "você saiu do meu coração" que Helena significou seu desejo pela maternidade aos filhos. Marcelo Filho compreendeu o que sua mãe quis dizer e usou da mesma fala para se proteger do preconceito de seu priminho, porém, Pedro Henrique não se apropriou desse significado. Helena conta que possui uma sobrinha da mesma idade de Pedro Henrique e, por esse motivo, sua irmã o amamentou quando era pequeno. Ao saber desse fato, Pedro imaginou que fosse filho biológico de sua tia, como Helena comenta:

Tava em casa e ele perguntou pra mim assim, mamãe, "eu nasci da barriga da tia Ana, né?" Eu fiz o mesmo processo com ele e com o Marcelo Filho, aí eu falei, "não, você não nasceu da barriga da tia Ana", aí ele falou assim, "nasci" e eu falei, "não nasceu", aí ele falou assim, "você não pode ter bebê na sua barriga", aí eu peguei e falei assim, "é, a mamãe não pode, mas você não nasceu da barriga da tia Ana, foi de outra barriga", "mas quando a gente nasce da barriga, a gente mama no peito e eu mamei no peito". Olha pra você ver o que ele fez. Aí eu falei, "não, filho, você nasceu do meu coração" aí ele falou, "mentira, porque se saiu do coração...", eu acho que tinha cinco anos, "... sair do coração, sai muito sangue, porque da barriga sai muito sangue e do coração também sai sangue". Então esse não foi um termo muito legal de usar e falar assim, 'saiu do meu coração'.

Schettini, Amazonas e Dias (2006), apresentam que a criança vai construindo sua identidade a partir dos conflitos, contestações e das crises que pode experimentar durante a infância. Conforme o pensamento das autoras, isso acontece porque "cada criança que chega ao mundo carrega uma herança, e não se pode fazer dela tábula rasa; mas aquilo que vai ser buscado no passado e reafirmar a história dessa criança pode nos dizer mais sobre a nova

identidade de filho adotivo que ela vai assumir do que sobre esse suposto passado” (SCHETTINI; AMAZONAS; DIAS, 2006, p. 291). Helena continua:

Aí eu fui explicar todo o processo e ele falava assim, "mas onde essa mulher mora?" Então já é diferente. Eu falei, "olha, filho, mamãe não sabe", expliquei tudo e a mamãe não sabe, aí eu falei do amor, da mesma forma. Aí ele falou assim, "isso é segredo?" (cochichando) Aí eu peguei e falei pra ele assim, "não, é sua história, você pode contar pra quem você quiser, é sua história, não é segredo". E daí, depois ele encontrou com a Clara (prima), ele falou assim, "posso contar minha história pra ela?" (cochichando) Aí eu falei, "pode". Aí ele falou, né, que ele não tinha saído do meu coração, nem da minha barriga, mas que uma mulher tinha dado ele pra nós. Então na cabeça dele, foi isso.

A partir de seu posicionamento, Helena busca firmar-se na perspectiva de respeitar a história da identidade de seus filhos. As questões com a família biológica podem ser enfrentadas com bastante sofrimento pelos pais adotivos, uma vez que reafirmam a impossibilidade de gestação, quando isso é adoecedor, e relembram a presença de outros pais dentro de sua dinâmica familiar. Contudo, é a partir desse ponto que Helena reafirma sua escolha pela adoção e defende seus filhos e as histórias que eles têm.

Às vezes, as minhas irmãs, elas falam assim... "ai, eu não gosto quando você fica falando que os meninos são adotados" e eu falei, "por quê? É a história deles, ninguém tem direito... é a história deles. Eu não saio gritando pra todo mundo, não saio, não saio dizendo pra todo mundo... isso também não é vantagem..." Então, não saio dizendo isso pra todo mundo, mas quando me perguntam, eu falo e principalmente quando tem dúvida, quando vê a Maria Alice, aí pergunta, "ela é adotada?" e eu falo "os três", "os três?".

É nessa perspectiva que Helena elabora os conflitos que teve relacionados ao desejo e ao sonho de ser mãe por via da gestação, além de abrir-se à possibilidade de exercer o seu desejo pela maternidade adotiva. A adoção não pode ser realizada com a intenção de suprir, nos pais, suas necessidades subjetivas, apesar de existir a partir da falta e tamponada pelo desejo de filiação (SCHETTINI; AMAZONAS; DIAS, 2006). Além disso, não pode estar relacionada ao caráter da caridade como era muito relacionada anteriormente. A adoção deve ocupar o lugar do desejo pela filiação que denuncia o lugar que este filho ocupará na economia do desejo dos pais. Logo, Helena elabora essa ferida narcísica em relação à mãe biológica partindo do pressuposto da gratidão.

Eu sou muito grata pelos veículos que me deram os meus filhos, sabe? Eu oro por eles... por esses úteros, sabe? Que, assim, por Deus, foram agraciados, que me deram esses filhos. Então, eu sou grata. No Dia das Mães, eu sempre oro a Deus e agradeço, sabe? Por essas mães né que tiveram... Ou porque não tiveram condições. Porque eu não sei a história delas, né? Então, corre realmente em segredo da justiça. Então, eu não sei. Eu recebi o meu filho, minha filha, meu outro filho... meus filhos. Então, eu

não sei... mas eu sou grata. Porque essa coragem de ter doado esse filho me fez ser mãe.

Em última instância, sobre seu desejo pela maternidade, Helena finaliza:

Eu vi que assim, na sua pesquisa, era... você fala sobre ser mãe, né? Não importa a forma, isso, mais ou menos. Se foi gerado em você ou não, né? Então, eu só posso dizer que eu sou uma mãe feliz, né? E que eu sou realizada. Sou realizada quanto mulher, esposa, mãe, né? [...] Então, me preenche muito mais... eles não, eles são filhos, deu certo, tudo bem, tem pai, tem mãe, tem o quarto deles, tem as coisas deles. Agora, eu assim, a realização... é muito maior pra nós, às vezes, do que pra eles. Porque é uma maternidade, uma paternidade que estava dentro de nós, né? Que tinha que sair senão ia explodir, né? E aí veio a depressão, como eu tive, né? Hoje, eu sou uma mãe bem realizada. Não vejo a hora de ter meus netos. E seja da forma que for.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre as questões relativas à maternidade e contar a história de outra pessoa é falar sobre afeto, escolhas, desejo e possibilidades. O desejo é o que junta e possibilita juntar, fazer família. Foi possível, através da pesquisa, compreender como o desejo de filiação acontece de várias maneiras diferentes e como, mediado por esse mesmo desejo, deu-se a realização e organização de uma série de questões na dinâmica do casal entrevistado. A história de Helena se apresenta dessa forma, com o desejo pela filiação se abrindo à possibilidade de cura, de ressignificação de uma situação complexa em sua vida, como mecanismo presente na superação de um desafio e pelo qual ela conseguiu, além de outras coisas, organizar sua existência na experiência de ser mãe.

Ao nos propormos a investigar os sentidos da experiência de ser mãe, foi possível conhecer a história de uma mulher que desejou a maternidade de tal forma que, mesmo com os empecilhos ocorridos em relação a gestação, conseguiu se abrir para superar a idealização da maternidade biológica e usar da adoção como saída para seu desejo. Não é possível falar sobre desejo que não seja relacionado aos discursos sociais presentes na constituição subjetiva como sujeitos, mas Helena não nasceu para ser mãe assim como nenhuma mulher nasce para ser mãe, Helena desejou ser mãe e se tornou mãe por esse desejo e através da adoção.

Conhecendo a história de Helena, é possível compreender como a maternidade é uma experiência singular que organiza afetos, associada aos desafios que ocorreram durante esse processo e que ainda virão, mas carregada de significantes. Pela escolha que teve, Helena precisou se provar várias vezes como mulher e como mãe. Como mulher principalmente no que diz respeito a sua inserção no discurso religioso no qual o ideal feminino é Maria: mulher, mãe, virgem e santa. Como mãe na sua constante obrigação de reafirmar sua escolha e seu desejo durante sua experiência com a maternidade por completo. E, por fim, provar-se como adotante, responsável por uma escolha pela qual decidiu lutar e defender.

No decorrer dessa pesquisa, procurou-se discutir sobre como a adoção foi instaurada na legislação brasileira, por um grande momento servindo unicamente para os interesses de casais que não possuíam filhos e sentiam a necessidade de tamponar essa falta. Por outro lado, ao interesse das pessoas que buscavam na prática da 'adoção' de crianças pobres e marginalizadas a possibilidade de mão de obra gratuita, o que muito serviu para o estigma de caridade e benevolência da adoção, assim como para a sensação de gratidão esperada aos filhos adotivos. Todavia, a adoção se tornou meio de proteção e garantia de direitos às crianças e adolescentes.

Direito à família, história, sobrevivência, afeto e transmissão de afeto, direitos legais e possibilidade de cuidado. Apesar da constante necessidade da pesquisa no Brasil continuar crescendo e se adaptando aos questões sociais, a prática da adoção no país representa uma possibilidade de proteção à individualidade infanto-juvenil, principalmente quando se trata de crianças maiores e adolescentes.

Além disso, buscou-se discutir sobre como o sistema capitalista e patriarcal opera na subjetivação feminina a partir do ideal da maternidade, vinculado à ideia de cuidado e doçura, colocando a maternidade como destino certo para mulheres. Atualmente, compreendemos que a maternidade é uma escolha. Mesmo que a depender do contexto social no qual a mulher está inserida, em relação à sua cor e classe social, a maternidade se apresente em diferentes recortes. E como escolha, a maternidade pode ser compreendida a partir do desejo, do desejo de ser mãe e performar a função materna àquele que coloca como filho.

Retomou-se também conceitos importantes da teoria psicanalítica acerca da formação e constituição do Eu da criança, com os conceitos de narcisismo e identificação, para conceituar o desempenho das funções materna e paterna, e a forma como se coloca o desejo e a transmissão de saberes na dinâmica familiar. Pensar a maternidade por esse viés é pensar na falta, no desejo como organizador e estruturador para quem escolhe ser mãe e para quem usa a adoção para a efetivação dessa empreitada. Além disso, possibilitou-se trazer a execução da função materna a partir da maternidade de Helena e a construção do projeto de filiação na busca e entrada da parentalidade de Helena e Marcelo.

Dito isso, conhecer a história de Helena implica entender como o desejo opera de forma diferente para cada mulher, especialmente quando toca no desejo pela maternidade. É possível que não haja o desejo pela maternidade, mas Helena desejou e essa pesquisa foi realizada entrelaçada a esse desejo. De forma geral, é importante compreender como o desejo de filiação se relaciona na história de mulheres que querem ser mães, na qual cada uma poderá apresentado sob um ponto de vista único e singular.

A clínica psicanalítica muito se relaciona a esse fato. Cada história, cada sujeito, cada relação transferencial atua de uma maneira especial, assim como o desejo pela maternidade. Nesse sentido, é importante compreender como as mulheres, desejando ou não se tornar mãe, desejando ou não a adoção, significam sua relação com esse tema, muito atrelado às questões do feminino. No mais, encerra-se a pesquisa afirmando que foi possível atingir os objetivos propostos. A produção de conhecimento, de certa forma, dá-se em interação contínua, uma vez

que saberes vão sendo construídos a cada momento, abrindo-se a possibilidade de continuação. O conhecimento, assim como o desejo, não pode ser tamponado.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, L. L. de; BITTENCOURT, M. I. G. de F. A delicada construção de um vínculo de filiação: o papel do psicólogo em processos de adoção. **Pensando famílias**, v. 17, n. 1, p. 41-53, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v17n1/v17n1a05.pdf>. Acesso em: 20 jun 2023.
- ARAÚJO, M. das G. Considerações sobre o narcisismo. **Estudos de Psicanálise**, Aracaju, n. 34, p. 79-82, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n34/n34a11.pdf>. Acesso em: 18 mai 2023.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BATINDER, E. **Um amor conquistado: o Mito do Amor Materno**. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 21 jun. 2023.
- BRAUNER, M. C. C.; ALDROVANDI, A. Adoção no Brasil: aspectos evolutivos do instituto no direito de família. **JURIS**, Rio Grande, v. 15, 7-35. 2010. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/5178/Ado%20no%20Brasil.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 mar 2023.
- CAFFÉ, M. Feminilidade e maternidade. In: TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. (org.). **Gênero**. 1. ed, Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020, p. 49-63.
- CARVALHO, N. L. de; OLIVEIRA, V. H. Mito do amor materno e a construção da subjetividade feminina. **Psicologia – Saberes e Práticas**, v. 1, n. 1, p. 46-53, 2017. Disponível em: <https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/psicologiasaberes&praticas/sumario/60/12122017145128.pdf>. Acesso em: 23 mai 2022.
- COELHO, H. M. B. "De tempos em tempos..." eis a sua família. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 10, n. 3, p. 787-807, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482010000300005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 08 mai 2023.
- DESSEN, M. A. Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30, (núm. esp.), p. 202-219, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/R498b6yFx3wnG7ps8ndBFKb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jun 2022.
- DUNKER, C. I. L. Economia libidinal da parentalidade. In: TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. (org.). **Parentalidade**. 1. ed, Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2021, p. 39-53.

FARIA, M. R. **Constituição do sujeito e estrutura familiar**. O complexo de Édipo, de Freud a Lacan. 3ª Edição. 3ª Reedição. Taubaté – SP: Cabral Universitária, 2021.

FARIA, M R. Função paterna e função materna. In: TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. (org.). **Gênero**. 1. ed, Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020, p. 25-32.

FREUD. Introdução ao narcisismo (1914). In: Obras Completas, vol. 12: **Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos** (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 09-37.

FREUD. O romance familiar dos neuróticos (1909). In: Obras Completas, vol. 8: **O delírio e dos sonhos da Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos** (1906-1909). São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 221-226.

GARRAFA, T. Primeiros tempos da parentalidade. In: TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. (org.). **Parentalidade**. 1. ed, Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2021, p. 55-69.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed, São Paulo: Atlas S.A., 2002.

JORGE, D. R. Histórico e aspectos legais da adoção no Brasil. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Rio de Janeiro, v. 28, p. 11-22, 1975. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/BgBrdzpHrV5X4NvD7yBVZwP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 mar 2023.

KAMERS, M.; BARATTO, G. O discurso parental e sua relação com a inscrição da criança no universo simbólico dos pais. **Psicologia – Ciência e Profissão**, v. 24, n. 3, p. 40-47, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/8ryJGzxsLD7qz7SFtNTbFFs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 mai 2023.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MACHADO, R. N.; FÉRES-CARNEIRO, T.; MAGALHÃES, A. S. Parentalidade Adotiva: contextualizando a escolha. **Psico**, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 442-451, 2015. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2015.4.19862>.

MARTINS, L. W, F.; FRIZZO, G. B; DIEHL, A. M P. A constelação da maternidade na gestação adolescente: um estudo de casos. **Psicologia USP**, v. 25, n. 3, 294-306, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/7vvgqCctBwXBsrwLQLM66BP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 jun 2023.

MAUX, A. A. B.; DUTRA, E. A adoção no Brasil: algumas reflexões. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 356-372, 2010. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v10n2/artigos/pdf/v10n2a05.pdf>. Acesso em: 27 mar 2023.

MAUX, A. A. B.; DUTRA, E. Do útero à adoção: a experiência de mulheres férteis que adotaram uma criança. **Estudos de Psicologia**, v. 14, n. 2, p. 113-121, 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/epsic/a/zr8h4VcXPPVqCmpNVGykQwL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 jun 2022.

MONDARDO, A. H.; VALENTINA, D. D. Psicoterapia infantil: ilustrando a importância do vínculo materno para o desenvolvimento da criança. **Psicol. Reflex. Crit.** Rio Grande do Sul, v. 11, n. 3, s/p, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000300018>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/5xPGHfXtTNCpDDFrW4f9qSz/?lang=pt>.

OLIVEIRA, P. A. B. A, de; SOUTO, J. B.; SILVA, E. G. da. Adoção e psicanálise: a escuta do desejo de filiação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. 4, p. 909-922, 2017.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/9Bt59y8pPdg3d36kFcz5WjP/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 24 mar 2023.

PINTO, E. B. A pesquisa qualitativa em psicologia clínica. **Psicologia USP**, v. 15, n. ½, p. 71-80, 2004.

PRATA, A. K. A. V.; CINTRA, E. M. de U. Apoio e acolhimento à mulher que se torna mãe: uma escuta psicanalítica. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 34-50, 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/SztyLyKMmgbDdMsRn6bWpry/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 mai 2023.

QUINET, A. Entre o inconsciente e a cultura: o sujeito. In: TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. (org.). **Gênero**. 1. ed, Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020, p. 65-82.

ROSA, M. D. Passa anel: famílias, transmissão e tradição. In: TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. (org.). **Parentalidade**. 1. ed, Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2021, p. 23-37.

SAMPAIO, D. da S.; MAGALHÃES, A. S.; FÉRES-CARNEIRO, T. Pedras no caminho da adoção tardia: desafios para o vínculo parento-filial na percepção dos pais. **Trends in Psychology**, v. 26, n. 1, p. 311-324, 2018. DOI: 10.9788/TP2018.1-12Pt. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tpsy/a/Cx4bFKrqTrPzL3vHsbCZmD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jun 2023.

SAMPAIO, D. da S.; MAGALHÃES, A. S.; MACHADO, R. N. Motivações para a adoção tardia: entre o filho imaginado e a realidade. **Psicologia em estudo**, v. 25, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/P93VKZpqBjD6HF8XngDgCjF/?format=pdf>. Acesso em: 12 jun 2022.

SCHETTINI, S. S. M.; AMAZONAS, M. C. L. de A.; DIAS, C. M. de S. B. Famílias adotivas: identidade e diferença. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 285-293, 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pe/a/jwzdcW4n8Wj3GCN7tvZrykh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 de junho de 2023.

TEPERMAN, D. Um laço chamado desejo. In: TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. (org.) **Laço**. 1. ed, Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020, p. 11-24.

XERFAN, C. C. **A gente só é bonito quando a mãe da gente acha.** Psicanálise e adoção. 1. ed, Curitiba, PR: Appris, 2016.

ZORNIG, S. M. A-J. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 453-470, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v42n2/v42n2a10.pdf>. Acesso em: 31 mai 2023.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Como a perspectiva de adotar um(a) filho(a) surgiu na sua vida?**
- 2) Como está sendo a experiência de exercer a maternidade por adoção?**
- 3) Quais os principais desafios que essa experiência suscitou?**
- 4) Como você analisa a presença do(a) seu(sua) filho na sua vida?**
- 5) Como você descreveria essa experiência?**
- 6) Antes de ser mãe, o que você pensava sobre a maternidade?**

APÊNDICE B – RESULTADOS

Para a elaboração dos quadros, foram utilizados nomes fictícios a fim de proteger a identidade da participante e sua família. No quadro 1, encontram-se os enxertos seguidos das unidades de contexto e unidades de registro referentes à pergunta 1: “Como a perspectiva de adotar um filho surgiu na sua vida?”

Quadro 1 - Surgimento da ideia de ser mãe

Enxertos	Unidades de contexto	Unidades de registro
<p>Eu dei de presente pra uma colega esse livro, mas eu não conhecia o conteúdo. E aí, passaram-se uns três dias, ela chegou com o livro e falou assim "esse livro é teu". E eu falei "meu"? "É, esse livro não é pra mim, é pra você". E aí, quando eu cheguei em casa, fui olhar aquele, fiquei super curiosa, uma leitura fácil, fui ler o livro, era o livro de uma criança que tinha sido adotada, né? Por uma família, então toda a história daquela criança, e aquilo já foi mexendo comigo, né? A história dela, como que ela descobriu isso lá na frente, e aí era, Em Busca de Mim, é em busca da identidade dele, né? Então, assim, falei, eu quero um filho assim. E aí, já começou esse processo dentro de mim, sem comentar com o meu esposo.</p>	<p>então toda a história daquela criança, e aquilo já foi mexendo comigo</p> <p>Então, assim, falei, eu quero um filho assim. E aí, já começou esse processo dentro de mim, sem comentar com o meu esposo.</p>	<p>se tocar com a história</p> <p>querer um filho</p> <p>processo</p> <p>Pais / parentalidade</p>
<p>Começou naquele mesmo retiro, começou todo um processo dentro dele, e aí ele teve essa aceitação e veio preparado pra conversar comigo. E eu em casa, esperando... Quando ele chegou em casa, ele falou assim, "eu quero falar com você". E aí, ele falando, falou comigo, e eu falei "também tenho um assunto muito importante pra gente conversar". E ele falou, "olha, aconteceu isso e isso lá no retiro, e eu queria falar pra você que eu quero muito ser pai, não importa da forma que esse filho vai</p>	<p>"tem três meses que eu estou me preparando pra este momento".</p> <p>nós resolvemos ali naquele momento de sermos pais</p>	<p>espera</p> <p>resolver ser pais</p>

<p>vir pra nós". E aí, eu mostrei o livro pra ele e falei, "tem três meses que eu estou me preparando pra este momento". Então, assim, nós resolvemos ali naquele momento de sermos pais. Antes disso, eu tive depressões, fiz terapia. Então, foi um processo de sete anos. Não foi uma coisinha assim, "ah, eu quero ser mãe".</p>		
<p>Porque nós ficamos no primeiro ano de casamento, passou um ano... e que nós resolvemos 'agora sim', porque nós já tínhamos um namoro de cinco anos. E aí, já resolvemos ter nossa família, né? E quando essa família não veio, veio esse tempo, né, esses sete anos, e resolvemos.</p>		
<p>Mas nós fomos lá e falamos pro juiz que nós tínhamos o desejo de ser pais. O que a gente poderia fazer? Por quê? Nós gostaríamos de ter uma criança, um filho sim. Não importava, nós não colocamos se ela era branca, negra, menina, menino. A gente queria ter um filho, né? E a idade, nós colocamos até três anos de idade. Que era bebê ainda, então até três anos.</p>	<p>nós fomos lá e falamos pro juiz que nós tínhamos o desejo de ser pais</p> <p>Nós gostaríamos de ter uma criança, um filho sim. Não importava, nós não colocamos se ela era branca, negra, menina, menino. A gente queria ter um filho</p>	<p>desejo de ser pais</p> <p>querer um filho</p>
<p>Então nós fomos lá buscar o Pedro Henrique. Na estrada eu falei, "nossa, mas eu queria tanto uma menininha" e aí meu esposo falou assim "Aí, eu acho que o momento... Vamos lá" eu falei, "você me conhece? Eu batendo o olho..." Então, o Pedro, nós fomos, aí na estrada eu falei assim pro meu esposo, "não, tá certo, vai ser mais um menino pra nós". E aí ele falou assim, "vai ser o Gustavo, você não tem vontade de ter um Gustavo, Gustavo Henrique?" E aí veio no meu coração "não, ele vai chamar Pedro Henrique". Falei pra ele. Quando nós chegamos lá, ele tava na casa de passagem, ele tinha ido pra uma</p>	<p>Naquela hora, eu tive a certeza, "é o nosso Pedro. Ele é nosso"</p>	<p>certeza</p> <p>ele é nosso</p>

<p>casa, e tava uma senhora com ele no colo, né? E tinha uma menininha nessa casa, assim, mais ou menos 4, 5 anos. E quando eu peguei ele no colo, a menininha falou assim, "tia, você sabe como ele chama?" Aí eu falei, "não, como ele chama?" Ela falou, "Pedro". Naquela hora, eu tive a certeza, "é o nosso Pedro. Ele é nosso", né?</p>		
<p>Eu fiz assim questão de não visitar orfanato, porque eu não estava comprando ou buscando algo que eu poderia devolver depois, "eu quero esse, eu quero aquele, isso eu não quero". Então, eu deixei ser escolhida.</p>	<p>porque eu não estava comprando ou buscando algo que eu poderia devolver depois</p> <p>Então, eu deixei ser escolhida.</p>	<p>não era algo que eu poderia devolver</p> <p>ser escolhida</p>

No quadro 2, encontram-se os enxertos, seguidos das unidades de contexto e unidades de registro referentes à pergunta 2: "Como está sendo a experiência de exercer a maternidade por adoção?", à pergunta 4: "Como você analisa a presença do(a) seu(sua) filho(a) na sua vida?" e referente à pergunta 5: "Como você descreveria essa experiência?". As perguntas sinalizadas foram organizadas de forma conjunta, uma vez que apresentaram respostas bastante similares, em vista disto, foram ordenadas dentro desse conjunto de significados descritos como "A experiência da maternidade por adoção".

Quadro 2 - A experiência da maternidade por adoção

Enxertos	Unidades de contexto	Unidades de registro
<p>E ele nos colocou o Marcelo Filho no nosso colo, né? Então, a partir daquele momento, quando eu olhei pra aquela criança, é uma energia muito diferente, sabe? Você olha.... eu olhei assim pra ele, eu olhava no olho dele e falava "o doutor, ele é meu, né? Ele é meu, né? Ninguém vai tomar ele de mim". E ele falou "não, ninguém vai tomar ele de você. Ele é seu, né? Só tem os trâmites da lei que nós vamos passar por todos eles, mas ele é seu". E o primeiro</p>	<p>"o doutor, ele é meu, né? Ele é meu, né? Ninguém vai tomar ele de mim".</p> <p>E o primeiro momento, assim, daquele... É uma coisa muito louca, tem que... É muito louca</p> <p>Eu estou falando pra você, todas as emoções, elas vêm</p>	<p>ele é meu</p> <p>medo</p> <p>emoção</p> <p>querer esse filho</p>

<p>momento, assim, daquele... É uma coisa muito louca, tem que... É muito louca. Eu estou falando pra você, todas as emoções, elas vêm realmente, né? Aquela coisa de faltar o fôlego, porque é muito lindo, né? Ser pais, eu não falo só por mim, mas eu conheço o coração do Marcelo e eu sei também como ele quis ter esse filho.</p>	<p>realmente, né? Aquela coisa de faltar o fôlego, porque é muito lindo, né? Ser pais</p>	
<p>E acontece porque é aquela vontade de preparar o ambiente, né? E foi isso que nós fizemos, eu preparei o ambiente, né? Então fizemos tudo, né? Eu não sabia se era menina ou menino, mas preparei tudo e veio o Marcelo Filho... Fiz o álbum dele, é como se fosse, assim, é o primeiro dia dele, né? Primeiro banho, as escritas, tudo, o albinho, por exemplo, que uma mãe biológica faria, eu fiz tudo. Fiz tudo aquilo, fiz as lembrancinhas pra quem fosse na minha casa ia receber, independente se essa criança viesse de um dia, dez dias, né? E eu fiz tudo, sabe? Preparava tudo, né?</p>	<p>E acontece porque é aquela vontade de preparar o ambiente, né? E foi isso que nós fizemos, eu preparei o ambiente</p> <p>Fiz o álbum dele, é como se fosse, assim, é o primeiro dia dele, né? Primeiro banho, as escritas, tudo, o albinho, por exemplo, que uma mãe biológica faria, eu fiz tudo</p>	<p>expectativa preparação preparar o ambiente fazer tudo primeiras coisas</p>
<p>Quando o Marcelo Filho tinha quatro meses, eu descobri o meu problema, que era endometriose. Então, eu fiz toda uma cirurgia, aí passei por todo aquele processo de várias cirurgias. Eu tava no último ano da faculdade, mas eu conseguia fazer tudo. E, assim, foi um presente ter o Marcelo Filho e ainda descobrir o meu problema, porque naquela época eu não sabia nem muito o que era endometriose. Acabei perdendo a trompa, ovário, né? Várias cirurgias. Mas eu tinha só alegria, porque nesse momento eu me entendi que mesmo eu perdendo um ovário, aquilo não era mais tão significante pra mim. Como mulher, por mais que você sofra, porque eu sofri como mulher, mas como mãe, eu imaginava "eu já tenho meu filho".</p>	<p>foi um presente ter o Marcelo Filho e ainda descobrir o meu problema</p> <p>Mas eu tinha só alegria, porque nesse momento eu me entendi que mesmo eu perdendo um ovário, aquilo não era mais tão significante pra mim. Como mulher, por mais que você sofra, porque eu sofri como mulher, mas como mãe, eu imaginava "eu já tenho meu filho".</p>	<p>um presente alegria significado da maternidade sofrer como mulher, realizar como mãe satisfação</p>

<p>Então, isso eu já me satisfazia, né? Com aquilo de ser mãe, na maternidade.</p>		
<p>Falei pro meu esposo, ‘tá na hora de a gente sentar com o Marcelo Filho, ter uma conversa séria’. E aí nós fomos falar, falei, o amor, o mais importante de tudo é o amor. Não importa como que é esse amor, né? O importante eu perguntei pra ele, “filho, você... você reconhece que a mamãe te ama muito?” Ele falou assim, "você é minha mãe". Aí eu falei, “pois é, mas você precisa saber que você saiu de uma outra barriga. Não foi da barriga da mamãe. Mas também é essa pessoa que a mamãe não conhece, ela também fez isso por amor. Com certeza ela fez isso por amor, de doar um filho. Então a mamãe nunca roubou você de ninguém. Você é fruto do amor do papai e da mamãe. Fruto do amor, porque foi do nosso coração que saiu esse amor, essa vontade de ser papai e mamãe. Então eu quero que você, filho, em qualquer época da sua vida, que você passar, você entenda que você é muito amado. Você saiba que você é muito amado". E aí meu esposo falou a mesma coisa pra ele, "papai te ama muito, você é muito importante pra nós e nós vamos ter outros irmãozinhos, você vai ter outros irmãozinhos".</p>	<p>o mais importante de tudo é o amor. Não importa como que é esse amor, né?</p> <p>Você é fruto do amor do papai e da mamãe. Fruto do amor, porque foi do nosso coração que saiu esse amor, essa vontade de ser papai e mamãe.</p> <p>você entenda que você é muito amado. Você saiba que você é muito amado</p>	<p>o mais importante é o amor</p> <p>reconhecimento do amor</p> <p>fruto do amor</p> <p>amor</p> <p>vontade de ser pais</p>
<p>Então, nós fomos, trouxemos o Pedro, o Pedro muito, muito, muito magrinho e pra mamar, pingar assim na boquinha dele. Mas era da mesma forma, o mesmo amor. Bate o olho e fala, "é meu". É um sentimento de egoísmo, você olha assim e fala, "é meu", Tá? Porque você fica contando os dias pra passar, aquela guarda provisória pra poder vir logo, a guarda definitiva, né? Então, esse momento é muito louco, que a gente passa com medo que tome da gente.</p>	<p>Mas era da mesma forma, o mesmo amor. Bate o olho e fala, "é meu". É um sentimento de egoísmo, você olha assim e fala, "é meu"</p> <p>esse momento é muito louco, que a gente passa com medo que tome da gente.</p>	<p>amor</p> <p>é meu</p> <p>egoísmo</p> <p>expectativa</p> <p>medo</p>

<p>A criança que foi forte, cuidada, amada, o pediatra falava assim, "é só amor, é só amor". Com o mês que ele tava com a gente, ele já desenvolveu tanto, eu tirei uma foto... eu tenho uma foto dele com o macacãozinho, quando ele chegou, e depois eu tirei com o mês, pra ver o desenvolvimento com ele. Então, realmente, é o leitinho, o amor. Fiz o álbum do Pedro do mesmo jeito, de Marcelo Filho. Coloquei os fatos que ocorreram naquele ano, o que foi bom, o que não foi ruim naquele ano, né, o que tava mais chamando atenção na política. Então, eu fiz pra eles três da mesma forma, né.</p>	<p>A criança que foi forte, cuidada, amada, o pediatra falava assim, "é só amor, é só amor". eu tenho uma foto dele com o macacãozinho, quando ele chegou, e depois eu tirei com o mês, pra ver o desenvolvimento com ele. Então, realmente, é o leitinho, o amor.</p>	<p>criança amada só amor desenvolver pelo amor</p>
<p>Maria Alice sabe, Pedro sabe, Marcelo Filho, tanto é que eles já foram lá no Juizado comigo, né, pra... Os pais viram que o que é uma família, porque não é um bicho de quatro cabeças, sete cabeças, sei lá, é uma família, você quer uma família, né, é uma família.</p>	<p>Os pais viram que o que é uma família, porque não é um bicho de quatro cabeças, sete cabeças, sei lá, é uma família, você quer uma família, né, é uma família.</p>	<p>não é um bicho de quatro cabeças família</p>
<p>Inclusive o meu irmão me fez essa pergunta, "oh minha irmã, como que é isso pra você? E se essa criança tiver uma doença, como que é isso? Você, né, adota uma criança assim, e se ela tiver uma doença, o que você vai fazer com ela?" Eu falei, "o seu filho nasceu e você também não conhece, se ele tiver uma doença, o que você vai fazer com ele? Que eu vou amar o meu, da mesma forma que eu vou cuidar dele, pra que ele tenha uma vida, né, feliz, que ele seja feliz, com doença ou sem doença, do jeito que for". E ele chorou, me abraçou e falou assim, "como é lindo esse amor", tá?</p>	<p>eu vou amar o meu, da mesma forma que eu vou cuidar dele, pra que ele tenha uma vida, né, feliz, que ele seja feliz, com doença ou sem doença, do jeito que for</p>	<p>amor cuidado</p>
<p>Porque a gente não conhece também a história, então pode ter entorpecentes, pode ter vícios, né, é isso que eu falo, quando</p>	<p>Porque a gente não conhece também a história</p>	<p>não conhecer a história pacote de amor</p>

<p> você pega aquele pacotinho de amor, tem que se preparar pra tudo, né, pra tudo.</p>	<p> quando você pega aquele pacotinho de amor, tem que se preparar pra tudo</p>	<p>estar preparada para tudo</p>
<p>Adoção dá certo, sim, ela dá certo, dá certo quando você tem o desejo, deixa crescer esse desejo dentro de você, toma a decisão e toma a decisão certa, correta, na hora certa, no momento certo.</p>	<p> dá certo quando você tem o desejo, deixa crescer esse desejo dentro de você, toma a decisão e toma a decisão certa,</p>	<p>desejo de ser mãe deixar crescer o desejo decisão</p>
<p>As perguntas que mais me faziam é assim, "você não tem medo, não, desse menino depois mexer com droga, de ser uma pessoa ruim?", então já me fizeram essas perguntas, né e eu falo, " não, eu não tenho medo", porque é um ser humano que tem amor, quem é amado vai saber do amor, né, então é um ser humano que é amado, que foi amado, que foi desejado, né, embora da forma que foi, mas foi desejado por nós, nós desejamos... foi nossa vontade.</p>	<p> "não, eu não tenho medo", porque é um ser humano que tem amor, quem é amado vai saber do amor, né, então é um ser humano que é amado, que foi amado, que foi desejado, né, embora da forma que foi, mas foi desejado por nós, nós desejamos... foi nossa vontade.</p>	<p>medo amor desejo vontade</p>
<p>Outro dia o Marcelo Filho me fez uma pergunta, como que ele rezaria... como ele faria a árvore genealógica dele? Isso era um medo que eu tinha muito na época da escola, porque sempre lá no segundo ano, né, como eu trabalho com o infantil até o quinto ano, de dois a dez anos, onze anos, né... então como ele foi o primeiro, eu sempre me preocupava, como que vai ser isso, quando chega o momento de colocar ali na escola, colocar o nome, tudo, né, aí eu me preocupava com isso... mas eu falei " eu não vou me preocupar, lá na certidão de nascimento dele tem os nomes dos pais dele, vai fazer a árvore genealógica dele". Eu falei, "olha, meu filho, você sempre</p>	<p> Isso era um medo que eu tinha muito na época da escola eu sempre me preocupava, como que vai ser isso, quando chega o momento de colocar ali na escola, colocar o nome "eu não vou me preocupar, lá na certidão de nascimento dele tem os nomes dos pais dele, vai fazer a árvore genealógica dele".</p>	<p>medo preocupação com a árvore genealógica na certidão tem o nome dos pais ficar mexida / insegurança</p>

<p>soube que a partir dos 18 anos, se você quiser reabrir o seu processo, você pode reabrir o seu processo". Eu não posso, isso é importante saber, né, nós pais nós não podemos, mas eles podem, depois dos 18 anos se quiserem, porque ele corre em segredo de justiça. Então, eu falei com ele, falei, "olha, isso também não me magoou", mexe um pouquinho com a gente... não vou dizer... não sou de ferro, então eu senti assim, "hm... será que ele quer saber agora, né". Então, vinha aquela coisinha dentro da gente ali, mas eu sempre tive disposta a fazer tudo por eles, os três. Se eles quiserem saber, se eu tiver que mover montanhas por eles, eu vou mover, né.</p>	<p>mexe um pouquinho com a gente... não vou dizer... não sou de ferro, então eu senti assim, "hm... será que ele quer saber agora, né".</p>	
<p>Então, assim, são filhos. Vão vir dúvidas, vão vir questionamentos. Agora, a gente tem que ter maturidade pra saber responder. E quando não souber, falar 'eu não sei'. Eu não sei te responder agora. Eu vou pesquisar e vou te responder. Então, assim... Meu esposo, ele já é mais assim "ai, eu não gosto nem de pensar nisso... eu ter que dividir esse amor, sabe?" Então, assim, eu não... Eu sou muito grata pelos veículos que me deram os meus filhos. Sabe? Eu oro por eles. Por esses úteros, sabe? Que, assim, por Deus, foram agraciados, que me deram esses filhos. Então, eu sou grata. No Dia das Mães, eu sempre oro a Deus e agradeço, sabe? Por essas mães né que tiveram... Ou porque não tiveram condições. Porque eu não sei a história delas, né? Então, corre realmente em segredo de justiça. Então, eu não sei. Eu recebi o meu filho, minha filha, meu outro filho... meus filhos. Então, eu não sei... Mas eu sou grata. Porque essa coragem de ter doado esse filho me fez ser mãe. Nos faz ser pais.</p>	<p>Vão vir dúvidas, vão vir questionamentos. Agora, a gente tem que ter maturidade pra saber responder. E quando não souber, falar 'eu não sei' ele já é mais assim "ai, eu não gosto nem de pensar nisso... eu ter que dividir esse amor, sabe?" eu não... Eu sou muito grata pelos veículos que me deram os meus filhos. Mas eu sou grata. Porque essa coragem de ter doado esse filho me fez ser mãe. Nos faz ser pais.</p>	<p>dúvidas / questionamentos maturidade dividir o amor gratidão coragem me dar meus filhos me fez mãe / nos fez ser pais</p>

<p>Então, às vezes, quando a pessoa fala... Tem uma coisa que eu brigo, viu? Quando eu escuto uma pessoa falar assim, "nossa, que coragem, né? doar um filho, fazer uma doação de um filho, dar um filho para os outros" Então, eu também já escutei isso... "nossa, essa mãe, é muito corajosa... é muito esquisito, né? você não sofre com isso? por saber que uma pessoa te deu um filho?" E eu falo "não, pelo contrário, eu sinto felicidade e rezo por essa pessoa". Porque, imagina... o ato dela fez essa criança ser... talvez, fazer uma história diferente. No caso do Pedro e da Ana Marta, os médicos disseram se não fosse a gente, talvez, não sobreviveria...</p>	<p>eu sinto felicidade e rezo por essa pessoa</p>	<p>doar um filho felicidade agradecimento</p>
<p>Às vezes, as minhas irmãs, elas falam assim... "ai, eu não gosto quando você fica falando que os meninos são adotados" e eu falei, "por quê? É a história deles, ninguém tem direito... é a história deles. Eu não saio gritando pra todo mundo, não saio, não saio dizendo pra todo mundo... isso também não é vantagem... Então, não saio dizendo isso pra todo mundo, mas quando me perguntam, eu falo e principalmente quando tem dúvida, quando vê a Maria Alice, aí pergunta, "ela é adotada?" e eu falo "os três", "os três?"</p>	<p>É a história deles, ninguém tem direito... é a história deles. não saio dizendo pra todo mundo... isso também não é vantagem... Então, não saio dizendo isso pra todo mundo, mas quando me perguntam, eu falo e principalmente quando tem dúvida</p>	<p>Respeitar a história deles direito deles falar para todo mundo não é vantagem</p>
<p>Eu vi que assim, na sua pesquisa, era... você fala sobre ser mãe, né? Não importa a forma, isso, mais ou menos. Se foi gerado em você ou não, né? Então, eu só posso dizer que eu sou uma mãe feliz, né? E que eu sou realizada. Sou realizada quanto mulher, esposa, mãe, né?</p>	<p>eu só posso dizer que eu sou uma mãe feliz, né? E que eu sou realizada. Sou realizada quanto mulher, esposa, mãe</p>	<p>mãe feliz realização</p>
<p>E tem uma outra coisa. As crianças... a adoção, ela não é um benefício pra criança, sabe? "Ai, nossa, mudou a história dessa criança". Não, ela é muito pra nós do que</p>	<p>ela é muito pra nós do que pra eles</p>	<p>realização preenchimento</p>

<p>pra eles. Assim, eu vejo assim, hoje assim... eu que era uma... Eu que era defeituosa, né? Eu que não pude ter filhos, né? Não vou me dizer assim... Então, me preenche muito mais... eles não, eles são filhos, deu certo, tudo bem, tem pai, tem mãe, tem o quarto deles, tem as coisas deles. Agora, eu assim, a realização é muito maior pra nós, às vezes, do que pra eles. Porque é uma maternidade, uma paternidade que estava dentro de nós, né? Que tinha que sair senão ia explodir, né? E aí veio a depressão, como eu tive, né? Hoje, eu sou uma mãe bem realizada. Não vejo a hora de ter meus netos</p>	<p>me preenche muito mais...</p> <p>a realização é muito maior pra nós, às vezes, do que pra eles. Porque é uma maternidade, uma paternidade que estava dentro de nós, né? Que tinha que sair senão ia explodir, né?</p> <p>E aí veio a depressão, como eu tive, né? Hoje, eu sou uma mãe bem realizada.</p>	<p>maternidade e paternidade dentro de nós</p> <p>realização</p>
--	---	--

No quadro 3, encontram-se os enxertos, seguidos das unidades de contexto e das unidades de registro referentes à pergunta 6: “Antes de ser mãe, o que você pensava sobre a maternidade?”.

Quadro 3 - Expectativas em torno da maternidade

Enxertos	Unidades de contexto	Unidades de registro
<p>Bom, primeiro, ser mãe é um sonho de qualquer mulher, eu imagino, ou de um casal, seja hétero ou não, com vontade de ter uma família, constituir uma família. E até hoje mesmo eu estava comentando sobre isso, a importância de ter uma família, né? Então, eu sou de uma família de nove irmãos, seis mulheres, somente eu e mais uma que não geramos, né? Uma porque casou com um senhor que não poderia ter filhos, então ela já era ciente disso, eu não. Então, era um sonho tanto pra mim como pro meu esposo, de tudo, e nós ficamos sete anos tentando uma gravidez. Então, assim, no meu</p>	<p>ser mãe é um sonho de qualquer mulher, eu imagino, ou de um casal, seja hétero ou não, com vontade de ter uma família</p> <p>era um sonho tanto pra mim como pro meu esposo, de tudo, e nós ficamos sete anos tentando uma gravidez. Então, assim, no meu coração era "ser mãe",</p>	<p>sonho da maternidade</p> <p>família</p> <p>sonho do casal</p> <p>tentar a gravidez</p> <p>“ser mãe”</p>

<p>coração era "ser mãe", né? Até então eu não pensava em adoção, mas não digo porque na minha família tem muitos casos de adoções, tanto da parte paterna quanto materna.</p>		
<p>Assim, no meu interior, eu pedia muito pra que fosse um bebê, pra eu desenvolver essa maternidade, né, assim, com ele, um bebezinho</p>	<p>eu desenvolver essa maternidade</p>	<p>desenvolver a maternidade</p>
<p>Então assim, esse amor, é um amor, eu digo assim, esse é o amor incondicional, né, às vezes tem uma mãe que fala assim, "amor incondicional, amor de mãe é o amor incondicional", nem sempre, né, mas eu falo assim, esse amor ele é tão incondicional, porque você... a partir do momento que você... já cresce dentro de você esse desejo, já madurece esse desejo... porque senão é só o querer, tem que amadurecer, tem que ser uma coisa certa, uma coisa pensada</p>	<p>esse amor ele é tão incondicional, porque você... a partir do momento que você... já cresce dentro de você esse desejo, já madurece esse desejo... porque senão é só o querer, tem que amadurecer, tem que ser uma coisa certa, uma coisa pensada</p>	<p>amor desejo pela maternidade amadurecer o desejo da maternidade</p>
<p>E ela também não é um brinquedo, você compra, depois cansa de brincar e coloca do lado, não, ela vai estar ali com você, você vai ser mãe, pai, pro que der e vier, então essa é uma decisão muito importante pro casal ou pra aquele que queira, pro adotante, ele precisa ter muita consciência disso.</p>	<p>você vai ser mãe, pai, pro que der e vier, então essa é uma decisão muito importante precisa ter muita consciência disso</p>	<p>mãe e pai pro que der e vier decisão consciência</p>
<p>E eu quero, assim, uma coisa, assim, que eu queria deixar bem claro, é que, é, adoção, ela, ela dá certo, tá? ela dá certo... incertezas, medos vêm, né, inseguranças, sabe, a gente tem, mas assim, ela... eu sempre falo pros pais que querem adotar... tem casais... hoje a gente vê muito casais... eu falo casais porque a maioria, porque assim, é mais lógico... né, casar e constituir a família,</p>	<p>incertezas, medos vêm, né, inseguranças, sabe, a gente tem a história, a sociedade, ela traz isso pra gente, né... casar, multiplicar</p>	<p>incertezas / medos / inseguranças construir família</p>

então é isso que a gente vem dessa concepção, dessa... a história, a sociedade, ela traz isso pra gente, né... casar, multiplicar		
Então assim... no meu pensamento, assim... nunca veio assim "ah... nossa, eu poderia..." Antes naqueles sete anos, eu sonhava com o barrigão, amamentando. Depois isso foi sendo superado pelo amor. Por tudo, assim... é isso que eu falo. Se deixe ser amada, sabe?	Antes naqueles sete anos, eu sonhava com o barrigão, amamentando. Depois isso foi sendo superado pelo amor. Se deixe ser amada	Maternidade e gravidez superação pelo amor ser amada

No quadro 4, encontram-se os enxertos, seguidos das unidades de contexto e das unidades de registro referentes à pergunta 3: “Quais os principais desafios que essa experiência suscitou?”.

Quadro 4 - Desafios (e preconceitos) em relação à experiência da maternidade

Enxertos	Unidades de contexto	Unidades de registro
Por exemplo, uma tia do meu esposo, ela chegou lá em casa, então ela levou um presentinho bem calézinho, né? Assim, pra dar pra aquela criança, né? E quando ela viu... que ele era uma criança muito bonita, né? E ela viu ele ali no berço, ela falou assim, "nossa, eu vinha falando pra as meninas assim..." que ela tinham as filhas, na época também eram pequeninhas, e ela falava " olha, Helena e Marcelo adotaram uma criança. Então, a gente não sabe se ela é preta, se ela é feia" e ela teve a coragem de me falar isso, "mas eu tô surpresa de ver como essa criança é linda, né?" Na hora eu tinha vontade de pegar o presente dela e jogar fora, né? Porque ela me entregou, mas eu me contive, né? Aí eu falei assim,	uma tia do meu esposo, ela chegou lá em casa, então ela levou um presentinho bem calézinho, né? Assim, pra dar pra aquela criança naquele momento já começou dentro de mim, "opa, preciso defender essa causa, né?" Preciso defender essa causa e, de uma forma ou de outra, proteger meu filho, porque eu não quero só esse.	preconceito proteger meu filho

<p>então, as meninas estão vendo que ser filho... Então, naquele momento já começou dentro de mim, "opa, preciso defender essa causa, né?" Preciso defender essa causa e, de uma forma ou de outra, proteger meu filho, porque eu não quero só esse.</p>		
<p>A enfermeira já ficava assim, ‘por que você tá fazendo esse exame com o seu filho?’ Porque ela não sabia que ele era adotado, e ele parecia muito comigo. Aí eu falei assim, "por que nós resolvemos fazer" E ela ficava me questionando, questionando, sabe? Poderia até dizer "o que você tem a ver com isso, né? Se eu resolvi fazer ou não". ‘Ah, mas fazer um teste de ‘AIDS’ e tudo, por quê?’ Aí, assim, eu não respondi, mas eu tive que falar com o médico responsável da clínica, olha, aconteceu isso, isso, isso. Ele era colega do meu esposo, então, ele, assim, ele falou, ‘eu não acredito, eu fiz tudo, escolhi a melhor profissional, e ela me decepcionou’. Eu falei, “não, eu não tô dizendo pra você que eu fiquei chateada com isso, hipótese alguma. Eu só quero dizer pra você que prepare melhor, porque viram outras famílias”. Então, são coisas assim que, com o Marcelo Filho foram poucos episódios, né, de onde a sociedade olha e fala que ele é adotado. Mas com a Maria Alice já foi diferente, né? Então, por ela ser negra, né, então já é diferente.</p>	<p>ela não sabia que ele era adotado, e ele parecia muito comigo</p> <p>Eu só quero dizer pra você que prepare melhor, porque viram outras famílias”.</p> <p>com o Marcelo Filho foram poucos episódios, né, de onde a sociedade olha e fala que ele é adotado. Mas com a Maria Alice já foi diferente, né? Então, por ela ser negra, né, então já é diferente.</p>	<p>questionamentos</p> <p>preconceito</p> <p>preparação</p> <p>família</p> <p>preconceito da sociedade com o filho adotado</p>
<p>Porque com a Maria Alice, as pessoas percebiam a adoção... com os dois não, quando a gente chega</p>	<p>Porque com a Maria Alice, as pessoas percebiam a adoção...</p>	<p>curiosidade e preconceito</p>

<p>num lugar, as pessoas olham, assim, "só ela que é né", e isso, às vezes, teve alguns transtornos, né, então... e isso o Marcelo Filho, não aceitava também, porque ele falava assim, não, "eu vou, eu quero estudar e quero defender essa causa", porque ela era bebê e nós estávamos em viagem e uma senhora dentro da piscina ficou me questionando o tempo inteiro, se ela era minha mesmo, então assim, existem muitas coisas e a gente tem que saber sair bem desses momentos. Aí fica questionando, "mas é sua mesmo? mas é sua mesmo, é diferente", não sei o que, sabe? Então assim, a vontade ali na hora, você tem vontade de gritar, sabe, de falar pra pessoa, 'para de ser preconceituosa', né, então assim, outro fato que a gente também estava no hotel e aí a camareira chegou... aí ela, a gente estava no hotel, ela de fraldinha, quando eu abri a porta pra camareira, ela olhou e falou assim, "nossa, que linda, onde você comprou essa?" e na hora, eu vi que era uma... como fala... um olhar assim, "nossa, mulher tão branca, né, e ela moreninha, só de fraldinha", aí eu falei assim, "no mesmo lugar que você comprou a sua".</p>	<p>com os dois não, quando a gente chega num lugar, as pessoas olham, assim, "só ela que é né", e isso, às vezes, teve alguns transtornos, né</p> <p>uma senhora dentro da piscina ficou me questionando o tempo inteiro, se ela era minha mesmo</p>	<p>transtornos</p> <p>questionamento</p> <p>preconceito</p>
--	--	---

Quadro 5: Unidades de registro dos quadros acima

Unidade de registro	Frequência
Se tocar com a história	1
Querer um filho	1
Processo	1
Pais / parentalidade	1
Espera	1

Resolver ser pais	1
Desejo de ser pais	1
Querer um filho	1
Certeza	1
Ele é nosso	1
Não era algo que eu poderia devolver	1
Ser escolhida	1
Ele é meu	1
Medo	1
Emoção	1
Querer esse filho	1
Expectativa	1
Preparação	1
Preparar o ambiente	1
Fazer tudo	1
Primeiras coisas	1
Um presente	1
Alegria	1
Significado da maternidade	1
Sofrer como mulher, realizar como mãe	1
Satisfação	1
Amor	1
Reconhecimento do amor	1
Fruto do amor	1
Amor	1
Vontade de ser pais	1
Amor	1
É meu	1
Egoísmo	1
Expectativa	1
Medo	1
Criança amada	1

Só amor	1
Desenvolver pelo amor	1
Não é um bicho de 4 cabeças	1
Família	1
Amor	1
Cuidado	1
Não conhecer a história	1
Pacote de amor	1
Estar preparada pra tudo	1
Desejo de ser mãe	1
Deixar crescer o desejo	1
Decisão	1
Medo	1
Amor	1
Desejo	1
Vontade	1
Medo	1
Preocupação	1
Fica mexida / insegurança	1
Dúvidas / questionamentos	1
Maturidade	1
Dividir o amor	1
Gratidão	1
Coragem	1
Me dar meus filhos	1
Me fez mãe / nos fez pais	1
Doar um filho	1
Felicidade	1
Agradecimento	1
Respeitar a histórias deles	1
Direito deles	1
Falar pra todo mundo	1

Não é vantagem	1
Mãe feliz	1
Realização	1
Realização	1
Preenchimento	1
Maternidade e paternidade dentro de nós	1
Realização	1
Sonho da maternidade	1
Família	1
Sonho do casal	1
Tentar a gravidez	1
Ser mãe	1
Desenvolver a maternidade	1
Amor	1
Desejo pela maternidade	1
Amadurecer o desejo da maternidade	1
Mãe e pai pro que der e vier	1
Decisão	1
Consciência	1
Incertezas	1
Medos	1
Inseguranças	1
Construir família	1
Idealização	1
Superação pelo amor	1
Ser amada	1
Preconceito	1
Proteger meu filho	1
Questionamento	1
Preconceito	1
Preparação	1
Família	1

Preconceito da sociedade com filho adotivo	1
Curiosidade e questionamento	1
Transtornos	1
Questionamento	1
Preconceito	1

Quadro 6: Frequência das respostas

Unidade de registro	Frequência
Se tocar com a história Não conhecer a história Respeitar a história deles Direito deles	4
Querer um filho Querer um filho Querer esse filho Significado da maternidade Desejo de ser mãe Deixar crescer o desejo Desejo Vontade Desenvolver a maternidade Desejo pela maternidade Amadurecer o desejo da maternidade	11
Processo Maturidade	2
Pais / parentalidade Resolver ser pais Desejo de ser pais Fruto do amor Vontade de ser pais Me fez mãe / nos fez pais Preenchimento Maternidade / paternidade dentro de nós	9

Mãe e pai pro que der e vier	
Espera Expectativa Expectativa	3
Certeza Decisão Decisão	3
Ele é nosso Ele é meu É meu Egoísmo	4
Não era algo que eu poderia devolver	1
Ser escolhida Ser amada	2
Medo Medo Medo Medo Medos	5
Emoção	1
Preparação Preparar o ambiente Fazer tudo Estar preparada pra tudo	4
Primeiras coisas	1
Um presente	1
Alegria	1
Sofrer como mulher, realizar como mãe	1
Satisfação Mãe feliz	2
Amor Reconhecimento do amor Amor	9

Amor Só amor Amor Amor Amor Superação pelo amor	
Criança amada Desenvolver pelo amor Pacote de amor	3
Não é um bicho de 4 cabeças	1
Família Família Construir família Família	4
Cuidado	1
Preocupação Dividir do amor	2
Ficar mexida / insegura Incertezas Inseguranças	3
Dúvidas / questionamentos	1
Gratidão Agradecimento	2
Coragem	1
Me dar meus filhos Doar um filho	2
Felicidade	1
Falar pra todo mundo	1
Não é vantagem	1
Realização Realização Realização	3
Sonho da maternidade	5

Sonho do casal Tentar a gravidez Ser mãe Idealização	
Consciência	1
Preconceito Questionamento Preconceito Preconceito da sociedade com o filho adotivo Curiosidade / questionamento Transtornos Questionamento Preconceito	8
Proteger meu filho	1
Preparação	1

ANEXO I – PARECER CONSUBSTANCIADO

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DESEJO DE SER MÃE: MATERNIDADE E ADOÇÃO

Pesquisador: Jamile Luz Morais

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 60996722.4.0000.5519

Instituição Proponente: Fundação Universidade Federal do Tocantins - Câmpus universitário de

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.694.430

Apresentação do Projeto:

O projeto apresentado pela pesquisadora Jamile Luz Morais, com a executora Susana Gomes Almeida tem como objetivo compreender a experiência do exercício da maternidade no contexto da adoção, a partir do referencial teórico da psicanálise.

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos da pesquisa segundo a equipe pesquisadora são:

Geral: Investigar a experiência da maternidade na adoção, considerando o conceito psicanalítico em torno do desejo de filiação.

Específicos:

Identificar categorias de análise que expressem os sentidos da experiência da maternidade na adoção;

Compreender, no terreno da teoria psicanalítica, o desejo de filiação em mães adotivas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo o projeto apresentado os riscos são de "desconforto ao expor sua história e experiência, desencadeando memórias negativas, medo, vergonha, constrangimento, receio de revelar informações, ter sentimento de estar se sentindo vigiado, ter sentimento de invasão de privacidade, entre outros sentimentos que podem ser despertados."

E os benefícios são "[...] a pesquisa contribuirá para compartilhar experiências de trabalho que servirão como referência para quem atua na clínica psicológica. Esse estudo visa contribuir como

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio da Reitoria, 2º Andar, Sala 16.

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3229-4023

E-mail: cep_uf@uft.edu.br

Continuação do Parecer: 5.694.430

suporte técnico e fonte de conhecimentos a psicólogos(as) e estudantes de psicologia."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa necessário e de relevância para a compreensão do tema, e a apropriação do assunto para futuros profissionais que podem atuar com psicoterapias e necessitam do conhecimento da realidade.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos apresentados seguem as normas exigidas.

Recomendações:

Que a pesquisa seja publicada e divulgada inclusive com as mulheres sujeitas da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Que ao final seja realizado o relatório de pesquisa e seja publicos e divulgados os resultados, inclusive com as mulheres participantes da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1984157.pdf	19/07/2022 17:21:50		Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	19/07/2022 17:13:33	Jamile Luz Morais	Aceito
Outros	ROTEIROENTREVISTA.pdf	14/07/2022 19:01:03	Jamile Luz Morais	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	14/07/2022 18:59:52	Jamile Luz Morais	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	14/07/2022 18:55:06	Jamile Luz Morais	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio da Reitoria, 2º Andar, Sala 16.

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3229-4023

E-mail: cep_uft@uft.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Parecer: 5.694.430

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PALMAS, 10 de Outubro de 2022

Assinado por:

PEDRO YSMAEL CORNEJO MUJICA
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio da Reitoria, 2º Andar, Sala 16.

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3229-4023

E-mail: cep_uft@uft.edu.br